



fig. 1



fig. 2



fig. 3

 **alagunas**



fig. 4



fig. 3

#13
junho
2018
ano IV

ISSN
2447-1003

www.
alagunas
.com



As edições da **Revista Alagunas** não possuem direitos autorais.
Podem e devem ser reproduzidas para fins não comerciais no
todo ou em parte, além de ser liberada sua distribuição,
preservando a fonte e o nome do autor.

revista@alagunas.com 

www.alagunas.com 

/revistaalagunas 

alagunas_ 

revistaalagunas 

junho
2018
ano IV

#13
ves
pa



Editor

Geovanne Otavio Ursulino

Editores adjuntos

Jarisson Albuquerque

Mácllen Luan

Paulo César Moreira

Conselho Editorial

Alberto Lins Caldas

Carlos Moreira

Patricia Laura Figueiredo

Autores

Alberto Lins Caldas

Alessandra Barcelar

Amanda Lins

André Mellagi

Caio Augusto Leite

Carla Andressa

Cid Brasil

Claudia Beata Leal

Daguito Rodrigues

Eduard Traste

Felipe Teodoro

Gabriele Rosa

Geovanne Otavio Ursulino

Henrique Pitt

Ibu Jean Rocha

Juliana Buccioli

Jussara Salazar

Karen Pimentel

Leandro Bachiega

Leila Guenther

Lucas Litrento

Lucas Perito

Marcus Groza

Matheus Guménin Barreto

Munique Duarte

Ruy Proença

Tiago Dias

Tito Leite

Vespas já foram usadas em várias analogias, aqui nos utilizamos da peça *As vespas*, de Aristófanes. A comédia do dramaturgo grego foi escrita em 422 antes da nossa era, e trata, em especial, de um juiz ateniense, Filoclêon, que possui um vício peculiar: julgar [e sempre condenar] pessoas. A personagem acredita possuir um dever moral de não permitir que nenhum acusado seja inocentado, caso contrário ele mesmo perderá sua vida. O autor identifica os juízes com vespas velhas e soberbas que acreditam ser arautos da justiça e, por isso, são pessoas que possuem atribuições e privilégios quase divinos.

Quase dois milênios e meio depois, isso que chamamos Brasil foi possuído por um enxame do judiciário que lembra muito as vespas gregas. A maneira com que decisões que afetam profundamente a vida de milhões de pessoas são tomadas, ilustra bem o discurso do filho Bdeliclêon na tentativa de convencer seu pai do seu engano: “Você não percebe que é um brinquete desses homens que você reverencia como se estivesse num culto? Você é um escravo e não percebe”. “Esses homens”, a quem o filho se refere, são os verdadeiros donos do poder em Atenas, aqueles se utilizam dos mais variados recursos para conseguir o que precisam – e um desses recursos é o judiciário.

A Alagunas #13: Vespa, publicada em 3 de junho de 2018, ecoa a voz de Bdeliclêon. Identifica as vespas pelo que são, pelo que fazem, por quem fazem. Em nosso próprio país bloqueado, não haverá orquídeas antieucelianas se formando: parece que para nós restou o enxame de vespas velhas, soberbas e escravas daqueles que realmente ganham com a mais recente ditadura brasileira.

ISSN
2447-1003

Editorial

henrique Pitt

"...escuta. não há mais que nós aqui. e todos os estalos nas paredes ou no telhado são forçados pelas rajadas de nossos pensamentos. não há outros pesos se não de nossas almas. meus olhos também tremem e ardem, e estas pálpebras de gesso já não se desfazem tão facilmente, e eles chegam ao ponto que não se detém mais e vibram como uma boca que tenta segurar um choro ou um riso, ou que passou da fome ao frio, escuta-os. não há mais nada. e só essa mesma disposição de elementos nos mesmos lugares; uma página rasurada de receber as palavras repetidas nas repetidas linhas todos os dias e sendo apagada com fricção de borracha para ser reescrita amanhã. parece que às vezes os insetos gemem também e fazem seus discursos e ou conversam ou brigam ou fazem amor, só que não fazem, caralho, tudo é apenas que estão, no máximo, aparentemente se mexendo, não vê que nada muda com seus movimentos?. escuta, é a hora palpável. a que vem anunciando-se com as rodas da carroça querendo superar os paralelepípedos, e estamos sempre ou como estátua ou lençol, e não há mais que nós aqui, e o demais está onde e como deveria estar. eu não sei o que te dizer, depois-de-amanhã, quiçá, o sentido das coisas que não te disse ainda estará equilibrando-se trapezicamente nas cordas vocais do vento que entra por aquela fresta, como estivera anteontem. escuta, se não é ele já, eu quero ver as estruturas onomatopeicas rangendo os parafusos de cada letra. não levante agora, meus olhos ainda tremem e ardem, ainda não está no momento, e nossos pensamentos?, não descubra, e se não fossemos ou uma estátua ou um lençol?"



santo



Mando notícias

janaina
Buccioli



A quintessência na banalidade da dor. Na potência da não-ação, a solidez que me faltava. No certo, por seu acerto, o fim.
Pra mim foi o começo.

Não há nada de mais honesto do que um amor que morre. “Eu não te amo mais”. Dizer a verdade assim, logo para mim que nunca fui de muita honestidade. Não digo que eu seja uma mal-caráter. Mas você sabe, sempre achei que ser muito honesta seria uma puta de uma sacanagem. Igual essa que você me fez. Recebi a mensagem às 6h da manhã. Eu sei que era para eu ter lido ontem pela noite. Mas eu já estava dormindo.

Precisamos de terapia. Vamos fazer uma lua-de-mel. Era isso que eu queria: uma mentira. Você sabe que convivo bem com elas. E elas me salvam. E você me presenteia com o implacável. Uma merda de uma objetividade sem pele. Apocalipse intransigente: Bum mm m m mm m m m m. Não, isso não foi o barulho de uma explosão. Acho que para explodir mesmo a pessoa tem que ter bastante coisa dentro. Você sabe que eu sempre tive bem pouco.

Foram exatamente 47 minutos sentada na mesa. Eu contei. A cada 5 eu mudava de cadeira. Era bastante assustador saber que estaria sempre sozinha. Sentei de formas diferentes em cada uma delas. Uma com o pé na mesa, outra com as pernas cruzadas, outra com os cotovelos apoiados. Foi uma coisa triste e engraçada. Na verdade, eu achei bem engraçado. Eu sei que você entende.

Depois de todos esses anos eu não imaginava mais que, sei lá, você poderia ir embora. Você sempre achava curioso esse meu jeito estranho. Eu não percebi que você estava desaparecendo. Eu acho que eu percebo tudo de outro jeito. Deve ser por isso. Eu já te disse que eu sempre acho que a maça tem um gosto diferente para mim do que para você. É que fica um tanto complicado saber essas coisas. E aí fica bem impossível dizer se existe algo tão certo ou tão errado. Eu já tinha te dito. Não há uma honestidade.


Eu fiquei bem chateada de você não me dar opção. Eu poderia espremer e tentar suicídio, ou ficar com muita raiva porque você tem uma amante. Ou melhor, matar vocês dois com uma faca, histérica. Bem louca. Isso sim seria um final. Mas assim, sem amante, sem acusações, seco e simples, eu fiquei sem saber como agir. Você sabe que pra mim é bem difícil criar ou pensar em coisas que desconheço.

Tenho que assumir que não foi doloroso. É que assim, sem nada, para eu que já tenho pouco, ficou mesmo foi uma sensação de uma realidade paralela. Eu, Eu, Eu e o silêncio gritante. Talvez seja esquizofrenia. Havia um montão de Eus querendo falar. Estavam todas com bocas amordaçadas. Não me davam medo. Acho que sempre estiveram por aí.

Achei divertido ficar olhando para elas. Você sabe que eu não vejo. Olhava para as mãos, para os braços. Até observei as celulites. Demorei muito para olha-las nos olhos. Não tenho essa mania. Todos os meus Eus tinham uns olhos cansados e com fome. Não era devastador. Era assim. Uma coisinha. Fiquei com um pouco de dó. Você sabe que sempre tive muita dó de gente com fome. Então resolvi preparar um belo jantar. Cozinhei comida de sexta-feira. Eu sei que era quarta. Você teria ficado orgulhoso. Coloquei na mesa aquele conjunto de guardanapos de panos que eu odeio lavar. Desamarrei todas elas. Sabia que estavam amarradas bem de levinho? Não entendi como aquelas mordanças ainda estavam ali, presas às suas bocas. Deve ser porque elas queriam. Ou colocaram ali. Saber dessas coisas também não vale muita coisa. Elas comeram tudo. E eu também. Na medida que comíamos íamos nos amando. Comida, cabelos, carnes e vinho. Terminei com todas as mulheres em mim. Finalmente, consegui pesar e ir para o chão. Acho que fiquei cheia.

Obrigada.

Não há sorte nessa terra perdida
Menina daqui vive medrosa e aflita



nesse buraco
estava todo o dia
o sol se pondo
mais um amor que
poderia ser salvo
o olhar que funciona como
uma criança e é curvo
igual a cidade

indício

leonardo
Bachiega

Falaria da saudade, se pudesse

Menino é menino, menina é menina. Vinicius sempre soube. O timbre da criança confundia um pouco. Fino, agudo. De garota, diziam. Libertador, contestava o pai. Era nos acordes do violão que Vinicius concordava com ele. Quando se derramava pela música ao pé da sucupira branca, na noite ao lado da fogueira. Ninguém negava. Quem poderia? E todo mundo aplaudia, pedia mais. Era uma voz bonita a do garoto, por mais que fosse feminina.

Ubiratan, o homem de dedos grossos e pele seca, do corpo contorcido e recurvado, a paisagem do cerrado, cresceu com as canções que amansavam as noites de um passado duro como aquela terra. Cresceu com a arte. Aprendeu a transformar as cordas em poesia de curioso. E desde que Vinicius nasceu embalou os sonhos do menino com harmonia musical. E tantos outros de tanta outra gente. Um inquieto.

Doze anos e lá estava o pequeno nas festas das fazendas. Microfone na mão e amor no peito. A mãe achava esquisito, gostava mesmo era do dinheiro a mais no fim do mês. No começo, Ubiratan tocava junto, levava o garoto no colo, mas a idade já não permitia a jornada dupla no campo e nas cerimônias. As reuniões até altas horas também ocupavam o tempo do velho pai. Encontros gritados, de braços erguidos e porradas na mesa. Batidas de portas. Vinicius acompanhava quando podia. Ou quando Ubiratan deixava. Era assunto sério.

Menino bonito. De cabelos longos e ondulados. Pele mais clara que o comum. Quase um filho de fazendeiro. Talvez por isso oferecessem tantos palcos a ele. Além da voz, claro. Dos sorrisos. Dos olhos pretos e lacrimosos, como se chorasse. E chorava, dependendo da música que ecoava na boca. Uma menina.

Quando as noites eram princesas, e Ubiratan preparava o fogo, com o violão ainda adormecido, quando o sol riscava o horizonte, Vinicius ouvia do pai as palavras de um mentor. O dedo escuro de unhas apodrecidas apontava para a vegetação rasteira, para as árvores esparsas no campo, e esse mesmo dedo se voltava para o peito do menino, para a testa do garoto, para a Lua no céu. A criança ouvia e entendia. O canto de mulher eram as asas da seriema, o sabor do araçá, o vento na cagaita. Somos. Escutava e memorizava. Um só. Mirava a enorme máquina no descampado e discorria sobre justiça e progresso, com exemplos que envolviam balas de menta e bombons de chocolate. Falava dos fazendeiros e de suas próprias leis. Tocava as folhas grossas com os mesmos dedos que tirava sons das cordas de aço. Segurava um punho de terra na palma das mãos. E discorria mais. Sobre o homem e o corpo. A separação cega do um e do todo.

A noite chegava com as pessoas, que iam se sentando, perguntavam de brigas e discursos, e Ubiratan levava o dedo à boca. Não ali. O palco sob a árvore e a luz da brasa não era o casebre das reuniões. O momento era da poesia, não de lutas. Os problemas e perigos que ficassem para lá, para além do cercado. Ao menos naquelas noites, que tudo parecesse simples e pequeno. Que fosse como deveria ser. Com respeito e união. E como era.

daguito Rodrigues

Hoje, se pudesse, Vinicius falaria da saudade. Falaria do tempo e do pai. Voltaria ao cerrado, à casa, à sombra da sucupira branca. Se ela ainda estivesse lá. Recolheria uns galhos, acenderia a chama. E apontaria também para o horizonte, para o peito e para a testa. Apontaria para o céu e teria a certeza de que somos sim um só.

Na tarde em que Ubiratan não voltou do campo, o garoto cortava batatas na cozinha. Sussurrava uma canção e a mãe estendia roupas no varal. Esperou na porta, com o sol já baixo. Não ouviu o som pesado dos pés na terra, que chiavam cada dia de um jeito. Macios no verão, duros no inverno. Os sapatos num ruído seco roçando as gramíneas e as ervas que rodeavam a casa. Eles não vieram.

Foi com a mãe que viu o corpo no casebre. Já sem reunião nem gritos. Só o silêncio. O sangue escuro no piso. Os olhos abertos para o nada. Foi com a mãe que tentou entender. Com o tecido da saia dela no rosto e as mãos apertando as coxas cansadas. Não pôde explicar para o garoto. Apenas lamentar. Os anos ensinaram. As conversas com os outros. As leituras dos textos. Só depois, o garoto de voz fina finalmente conheceu o pai e compreendeu seu fim. Só depois, o timbre agudo cumpriu a vocação para libertar.

Se soubesse antes, jamais teria cruzado os pórticos com partituras debaixo dos braços. Não teria versado canções entre taças de vidro e risadas insossas. Se soubesse antes, teria se agarrado aos braços do pai todo fim de tarde antes das reuniões. Teria implorado como um mimado para que abandonasse os grupos e as discussões. Rasgado pôsteres e papéis. Teria? Vinicius concorda com o pai. Hoje sabe, hoje entende.

E solta a voz em outras terras, distante das plantações de soja e milho. Por mais que se estendam por todo lado, não chegam onde o canto do garoto adulto chega. Tão longe. E com versos e rimas, com trovas e poesia, Vinicius repete as palavras do pai, transformando a luta em notas, desfilando baru, buriti e mutamba, galito, anhumã e irerê, abotoado, piapara e taguara, João, Maria e José. Espalhando o cerrado e seu povo pelo Brasil, como a água dos rios que nascem naquele solo. Terra rica, terra pobre. Povo sofrido, povo feliz. O progresso, a tradição. O dinheiro, a natureza. O masculino, o feminino. A voz de menina do garoto é também a voz grossa do pai sonhador.

E Vinicius levanta a bandeira. Como cantor e poeta. Ele, filho de Ubiratan, filho do cerrado brasileiro. Somos, canta e universaliza, um só. E é assim que seguiremos em frente.

Lojas
de Espelhos



caio augusto Leite

Como nunca me esquecer da Loja de Espelhos? Antes, quando não havia ainda entrado nela, me perguntava olhando a fachada que nada anunciava do conteúdo do prédio se a preposição indicava posse ou tema. Explico: se era uma loja feita de espelhos ou era uma loja que vendia espelhos. Apostava na segunda hipótese, pois seria estranho que uma loja se nomeasse do que era feita antes de informar o que oferecia. Como seguia sempre sem tempo, apenas repetia o pensamento toda vez, este ia sedimentando-se dentro onde as coisas se projetam desde ruínas para tornarem-se reais, um dia.

Porém, mais rápido do que supunha, chegou o momento de eu conhecer o estabelecimento. A oportunidade veio num dia em que, chegando ao trabalho, soube do falecimento de não sei bem qual parente de nosso chefe. À entrada da firma havia apenas uma placa de Luto e o aviso de que os trabalhos estavam suspensos por três dias. Hoje, amanhã e depois. Seis, portanto, foram as vezes que visitei a loja.

A primeira vez foi naquele dia mesmo em que, voltando da firma fechada pelo mesmo caminho e com muito tempo de sobra, decidi fazer as coisas que não podia por conta de meu maçante trabalho. Há pessoas que visitam espaços. Eu visito tempos. Como não se alegrar dentro de seis ou sete horas ociosas? Se estava dentro de um lugar é porque tempo e espaço se precisam. Assim, obrigado pela mutualidade das causas que só a física explica, tive que morar nas horas vagas em um lugar e o lugar escolhido foi a Loja de Espelhos.

Logo descobri que a loja não vendia espelhos, e que a preposição era temática. Uma loja toda feita de espelhos. Havia uma peculiaridade, porém. Os espelhos não refletiam com o rigor estético que esperamos de tais objetos. Quando me vi: me vi e não me vi. Era eu, mas com outras roupas e cada espelho me refletia assim: meu corpo vestido de outro modo. Tencionei perguntar a algum vendedor o porquê de tal efeito: nenhum parou pra responder, ocupados que estavam atendendo outros clientes, como se soubessem que eu não estava atrás de nenhum item, aqueles vendedores só parariam se eu precisasse, de fato, da ajuda deles. Parado, vestido de seda molhada no reflexo, tentava adivinhar como se dava o caso. Talvez um espelho refletindo outro espelho provocasse curto-circuito na central que alimenta o estranho e complexo sistema repetidor dos espelhos. Passei muito tempo conjecturando e não me dei conta das horas transcorrendo. Ao olhar o relógio percebi que gastara demais da minha folga ali parado e fui embora.

No dia seguinte, decidi dormir até mais tarde. Não consegui. Esquecera-me de desligar o despertador e acordei no mesmo horário que acordaria se tivesse que ir trabalhar. Sentado na cama, nervoso comigo mesmo, lembrei-me da Loja de Espelhos e de como não prestara muita atenção no que lá era vendido, tamanha a fascinação que me circundara a existência dos exóticos espelhos. De um salto preparei um rápido café, troquei de roupa e segui meu itinerário comum. Ainda no ônibus me pareceu idiota ter tanto tempo livre e trilhar o mesmo caminho de sempre. É que naquela época eu não tinha sede de outras paisagens, viciado que era em repetir e repetir até gastar – usava as roupas até o fim e só parava de comer um doce quando sentisse um violento enjoo.

Entrei pela segunda vez na loja. Ignorando os espelhos que eu já conhecia, foquei nos objetos nas prateleiras que se distribuíam, por conta dos reflexos, por corredores infinitos. Reparando bem entendi o motivo de a loja ter o nome que tinha. Não havia uma ordem ou um ramo específico que pudesse enquadrá-la em: padaria, cama mesa e banho, materiais para construção ou qualquer nome que eu pudesse imaginar. Eram chuveiros, bolos, roupas, livros, caixões... tudo misturado e solto e pendurado e jogado por incontáveis seções. Também não sabia o que era de fato da loja e o que era repetição distorcida dos espelhos: porém as coisas me pareciam tão verdadeiras que como verdadeiras eu as tratava. Peguei de um globo de Natal, daqueles em que a neve do fundo sobe e cai lentamente quando o balançamos. Não queria aquilo, botei de volta onde estava sem notar que meu reflexo, de marrom e chapéu, botava o objeto no bolso – quando olhei de novo a prateleira onde acabara de deixar o globo, ele não estava mais lá. Como tudo era estranho naquela loja, não me assombrei por muito tempo e logo estava eu indo embora mais uma vez.

Ao terceiro dia tinha reservado a mim mesmo uma merecida folga: iria para outro lugar, bem longe do trabalho e bem longe da Loja de Espelhos. O diabo é que o único ônibus que me fazia sair daquele bairro passava, invariavelmente, na rua de minha rotina.

Tentei não olhar pra fora quando cruzava a avenida da irresistível loja, mas sem querer acabei olhando e a tentação foi mais forte do que o desejo de fuga: desci no próximo ponto e voltei caminhando para a loja. Meu reflexo, de roupas rasgadas e olhar desesperado, me olhava – assustado fui embora decidido a nunca mais pisar naquele lugar.

E aqui pode acabar essa história.

Mas me perguntarão, não disse você que visitara a loja seis vezes? Aqui vai a explicação para aqueles que, como eu, não conseguem deixar de olhar o mistério.

A quarta vez se deu em Jacarta quando, por um acaso, ganhei a viagem de um sorteio do qual não participara. Eu ia andando pela cidade javanesa quando uma abrupta chuva começara. Eu, desprevenido quanto ao clima, vestia uma camisa de seda no estilo: turista desavisado. Sem falar indonésio entrei na primeira porta aberta que encontrei para abrigar-me. Só depois de limpar os olhos é que me dei conta de que estava mais uma vez na Loja de Espelhos, e só então descobri que, ao que parecia, a loja possuía filiais espalhadas pelo mundo. Esperei muito tempo até que a chuva passasse, assim disse o meu relógio. Apesar de tudo, gostei muito de Jacarta – quem sabe não volto pra lá um dia.

A outra visita se deu aqui mesmo em Madri, de onde relato esse caso. Passeava, de chapéu e de marrom, no frio de uma nevasca bissexta no meio do verão quando vi a Tienda de Espejos. Não queria entrar. Mas sinto que meus passos, por vezes, são levados por vontades que não são minhas, ou seriam as minhas vontades que locomoviam outros de mim? O certo é que entrei na tienda, na loja. Daquela de Jacarta e daquela de meu país natal, a loja espanhola não diferia em nada, inclusive os reflexos que insistiam em divergir da realidade. Olhei os mesmos chuveiros, bolos, roupas, livros, caixões... Até aquele globo estúpido que agora eu via meu reflexo pegando e olhando sem nenhuma paixão. Ia deixando a loja quando uma mão pegou-me pelo braço e me fez esperar. Logo a polícia madrilenha chegava e eu me perguntava o que estava acontecendo. Pediram que eu esvaziasse os bolsos e, inocente de mim, virei-os e de um deles caiu – rolando até os pés do dono da loja – o globo natalino: a neve subiu e foi caindo no chão, serena. Sem conseguir me explicar – meu espanhol não comportava frases muito complexas – fui preso e dessa prisão é que remeto a vós esses papéis.

Na confusão em que tudo se passou esqueceram-se de tirar de mim a prova do crime. O globo permanece comigo. Meus companheiros de cela não entendem minha placidez: julgam puro estoicismo. Olho bem no fundo do globo e vejo a cidade de Madrid e pessoinhas passeando e as ruelas, e as lojas, e a prisão. Quando balanço um pouco o vidro a neve cai cá dentro e lá fora: la tienda de espejos, murmuro e durmo. Estou calmo quanto a essa situação, olho para as grades e vejo aos guardas presos e a liberdade está aqui dentro. Em mim. Não sinto medo, pois sei que ainda devo uma visita à Loja de Espelhos.

tudo se dissipa
como a chama
duma vela



alberto lins caldas

- tanto e tudo de varias vidas acumuladas •
- todas as dores de viver tantas vidas amargas •
- uma mala a velha mala dos hoteis do mangue •
 - mala cheia de esquecimentos bem pesados •
 - tudo maciço demais tudo é de ferro e aço •
- acre como as dores de viver tantas vidas nulas •
- delas todos os caminhos todas as dores e gozos •
- dentro da cabeça batem soltas lascas de metal •
- basta andar os metais se tornam mais afiados •
 - maiores eu digo na esquina com um cafe •
- fervendo eu digo o inferno a mala segue a vida •
 - eu q nunca soube viver não demoro a morrer •
 - eu e minha velha mala dos hoteis do mangue •
- delas todos os caminhos todas as dores e gozos •
- essa chuva la fora trara sim velhas tempestades •
 - pingos de chuva como chuva numa fogueira •
 - mereço isso os metais se tornam mais afiados •
 - e começo a rir e a rir olhando o ceu escuro •
 - as gotas cada vez mais frias a tempestade sim •
 - um quarto a velha mala dos hoteis do mangue •
- delas todos os caminhos todas as dores e gozos •

- sem asas sem desejos no escuro a chama se foi •
- agora eu choro sempre sem razão qualquer •
- basta pensar os metais se tornam mais afiados •
- talvez eu sente aqui no chão lambendo dores •
- lembrando mares florestas desertos solidões •
- as gotas cada vez mais frias a tempestade sim •
- delas todos os caminhos todas as dores e gozos •

- sem armas sem musculos sem sonhos desejos •
- gelado eu digo o inferno a mala a vida sega •
- belas so as distancias a velha mala do mangue •
- dentro da cabeça batem soltas lascas de metal •
- nem a beleza ficou nem o brilho dos olhos •
- nem os rios nem o mar nem a grande arte •
- com eles os caminhos as as dores e gozos •

- sentado aqui podia pedir a morte mas é inutil •
- sempre chamei e ela jamais veio nem as mãos •
- tocando o rosto passando os dedos nos cabelos •
- so a mala a velha mala dos hoteis do mangue •
- dentro da cabeça batem soltas lascas de metal •
- basta pensar os metais se tornam mais afiados •
- delas todos os caminhos todas as dores e gozos •



c - Deus in machina

intuir sua inexistência
nos gestos do irmão e do inimigo
igualmente
sua inexistência intuir na sombra entre a fruteira e
a parede
branca, intuir no silêncio respondido
e não
que é já tarde para
haver

que é já tarde para haver,
que mãos demais bateram já no chão
que palavras demais travaram já na língua
e travarão

intuir tanto e de tantas formas
que não haver já não tem importância,
como o resto,
e a laranjeira segue ardendo, dourada.

matheus
Guménin
Barreto



Olhos

ibu jean Rocha

Um olho que se esquiva diz menos que uma boca costurada, é como uma membrana cinzenta que impede seus olhos de falarem com o meu.

Um muro espesso e transparente que nos separa em dois.

A sensação é incontrolável, e quando vejo já foi, desviei olhei pro canto, vi nada, me livreí do peso de ter de encarar.

Não é ódio, não é maldade, é nada, apenas vontade de olhar a mosca, o rodapé, o teto, qualquer coisa que não traga pra cá. Distração, tédio, ou desespero. Uma fuga do aqui.

Olhar dói, nos vemos refletido na retina da alteridade, do outro. Sangra, incomoda, lacrimeja, quando vi, já foi, desviei.

Olhei teto, chão, rodapé, perdi o foco, tive medo.

Esses olhos que muitos fortes parecem; teme.

Tremem ao enxergar o futuro em segundos, vazam ao lembrar do passado, e quando agora no reto dos seus ele explode e chega, alguma coisa acontece quando olho nos olhos, sejam eles quais forem.



um zumbido q ouvimos de longe

como chamar isso? não sei
pensei em nomes q não dizem nada
ouvia ecoando perdidos
distante da minha casa

sinto como um monstro nas costas
não há saber q alivie o peso
todos sentimos uns muito
uns pouco uns mais uns menos

aqui em casa sentimos há tempos
o voo obsceno das vespas ecoa
um zumbido q ouvimos de longe
trazendo um peso como dum monstro

cujo nome ignoro
não por querer mas por não saber
como chamar isso? não sei
sinto a baba caindo sinto

a espinha dobrando queimando
músculos adormecendo membros
quando não durmo pouso toalhas
geladas sobre as costas

levaria o monstro pro mar talvez
mas o enxame de vespas cobre o sol
cobre o céu porisso não vou pra rua
músculos queimam membros adormecem

o tombo com a cara no meiofio
ouço o zumbido de longe
queimando minha cabeça partida
como chamar isso? não sei

pensei em nomes gostamos
das coisas com seus nomes
mas há tantos ecoando perdidos
se falasse vespês gritaria

daqui de baixo vemos
os cuzinhos das vespas
daqui de baixo vemos
a merda velha e seca

gargalharia das suas
antenas tremendo de ódio
mas da minha casa
não podemos fazer nada

Animalesco

Reparto um corpo em dois pedaços
eles navegam
sobre um último olhar
sustentam um gigantesco animal
sob uma pele rasgada
o sol dividido

lucas
Perito

Sede

não é a mão que sua
é o corpo que treme
abraçando os teus medos
como se fossem os meus
medos dançam
na língua ardida do tempo
labaredas contorcem
esperanças queimadas
no céu da boca seca
é sede e lateja.

.karen
Pimentel



Feito
águas



lá fora, há poucos instantes
sentindo os frios pingos de chuva na face
novamente me lembrei dos peixes mortos
nadando na contramão
do riacho
gelado

e me peguei pensando
no quanto costumo lutar por meus sonhos
enquanto durmo
e no quão facilmente
esvaíam-se
quando acordo

tudo parece resumir-se
aos pingos abafados da goteira
que nos estruturados sonhos nascem distantes
e vão aproximando conforme tudo vai
inevitavelmente escorrendo
feito água no esgoto

assim, feito água corrente eu me sinto
sem saber direito para onde vou
apenas seguindo, abrindo caminho
deixando meu rastro, ora límpido
ora turvo.. qualquer hora
inundo.

eduard
Traste

Medicina alternativa

Minha avó tinha horror a hospitais. Dizia que médicos não passavam de indivíduos tenazes que aguentavam cinco anos dentro de uma universidade só para prescreverem dipironas e utilizar a alcunha de virose para qualquer enfermidade. Para ela era preferível ter um filho ou um neto filiado ao PMDB do que vê-los recitar o juramento de Hipócrates.

Na época que ela faleceu lembro que as pessoas estavam muito espiritualizadas e tentando lidar melhor com o oculto, tudo graças a uma novela que falava muito de vida após a morte e espiritismo chamada *A Viagem*. Até na salinha da catequese da escola as perguntas mais insólitas envolvendo a novela tomavam o espaço sabático que devia ser destinado a Moisés, Jesus e o resto da galera da bíblia.

A professorinha na maior paciência não deixava ninguém sem resposta, mesmo que certas perguntas tivessem de ser respondidas por um diretor dos estúdios globo ou um kardecista. Como foi o caso do dia em que uma menina perguntou se era verdade, conforme retratado na telinha, se uma das punições de quem ia para o inferno era permanecer a eternidade com a roupa que tinha morrido. Dessa novela eu recordo ainda que sentia um gélido pavor de um personagem mascarado com o rosto desfigurado por queimaduras, e mesmo estando de costas para a TV por medo dele se desmascarar novamente, eu sabia que aquela era uma pergunta idiota da colega, pois era nítido que enquanto os mocinhos usavam túnicas brancas e passeavam para lá e para cá no Parque do Ibirapuera só permanecia com as roupas do corpo os que usavam muita cocaína e não prestavam as contas à Ancine, como no caso do Guilherme Fontes.

Após três sábados discutindo desde a abertura de Hans Donner até o casting do purgatório, abandonei o grupo de debates do núcleo Wolf Maya travestido de catequese. Queria aproveitar melhor meus finais de semana, mas quis o destino ou o próprio Roberto Marinho, que no primeiro dia livre meus anticorpos debandassem como eu e meus amigos fugíamos ao ver o Mascarado em cena. Padei de um mal tão misterioso que durante oito dias tive febres e vômitos ininterruptos, até que alguém, talvez um espírito zombeteiro por medo do contágio ou talvez a empregada para sacanear meus pais, sugeriu que me levassem num curandeiro, já que ela sabia que meus velhos, principalmente minha mãe, detestavam médicos e seus discursos manjados.

Lembro que fomos a pé, minha mãe e eu, junto com a empregada até a casa onde uma velha que alegavam estar dando prejuízo nas farmácias das redondezas. Não sei se a longa caminhada era parte da terapia, funcionando como uma espécie de ritual de purificação, mas apesar de distante fui me sentindo um pouco melhor no trajeto e talvez só o que precisasse era de um pouco de exercício. A porta da casa estava aberta. Da rua conseguíamos ver uma velhinha tão magra e enrugada quanto um pé de eucalipto.

Ela estava vendo o programa do Chaves e antes de perguntar o que queríamos ou de pedir que entrássemos olhou bem para nossos pés empoeirados e com certa solenidade necromante pediu que deixássemos as sandálias na porta – disse que tinha acabado de passar o pano na sala. Um gato cuja obesidade chegava a ser ofensiva perante ela dormia ao seu lado.

— Qual o problema do menino? – Perguntou a benzedeira, não sem antes bufar por ter de desligar a TV.

Minha mãe tentou responder que talvez eu estivesse com mau olhado. A empregada dizia que era encosto. Após uma breve confusão que poderia ter nos levado a um tribunal de pequenas causas, a velha bateu as mãos e pediu que as duas ficassem em silêncio. Como se matutasse seus pensamentos ou mastigasse os últimos caroços de feijão na boca pediu que aguardássemos um pouco e atravessou uma cortina de renda, indo até o interior do casebre. Umas vozes vieram de dentro, tratava-se do Chaves de novo. Ela havia ligado uma outra TV. Passado cinco minutos ouvi a inconfundível vinheta de encerramento e finalmente ela voltou, com aspecto mais ameno e trazendo um ramalhete de folhas e galhos secos.

Pôs a outra mão na minha cabeça e recitou uma oração logo de cara. Depois passou as folhas pelos meus ombros e em seguida pediu que minha mãe e a empregada me pusessem de cabeça para baixo, segurando-me pelos pés, para terminar a benção. As duas disseram que não tinham forças para isso, e eu, temendo que me afrouxassem a moleira no chão, disse que já estava melhor, que não precisava. Esperem aí de novo, disse ela, que vou chamar um vizinho mais parrudo aqui.

Outros minutos se passaram até um homem-grávido vir junto com a velha. Sem cerimônia ele alisou a barriga e foi logo segurando-me os pés, pedindo que não tivesse medo, que seu filho era mais gordo que eu. Fiquei de ponta cabeça e fui chacoalhado por duas vezes, como numa esquete do Chaves onde tentavam-me roubar as moedas. No fim da consulta minha mãe estendeu uma nota de dez que a velha se recusou a pegar alegando que aquilo era um dom, não um meio de ganhar dinheiro.

Após muita insistência, só concordou em pegar a gorjeta depois de alegar que seria unicamente para a ração do Santo, o gato, que estava no fim. Depois alisou-me os cabelos e disse que se eu não melhorasse seria bom tomar dipirona ou procurar um médico. Podia ser só uma virose mesmo.

O homem que achou Petróleo no sétimo andar

Percalço, o gato lá de casa, sempre dormiu em cima de um armário embutido, desses que por serem fixos parecem estar ali desde o início dos tempos. Faz alguns meses, ele teve câncer no focinho e não tivemos outra saída senão mandar sacrificá-lo. Agora, a pedido do meu marido, estão tirando o armário do lugar não sei por quê.

Sou PJ na empresa que eu trabalho. E, desde a última vez que fiquei desempregado, também passei a motorista de Uber. Isso faz uns três anos. Na verdade, como estou empregado, nos últimos tempos não tenho feito muitas corridas. Mas aproveito, quando volto do trabalho, pra fazer uma ou outra. Já paga o combustível. Pegando uns três, quatro passageiros, vou do centro até a Zona Sul.

Já meu marido, ele é rico. Por isso gosta tanto de reformar a casa, mudar a decoração. Porque é arquiteto também. Rico ele sempre foi, depois por consequência virou arquiteto. Eu já me ferrei bastante, mas agora tenho de tudo. Trabalho porque é bom fazer alguma coisa na vida. Ocupar o tempo! Mas não acredito no valor moral do trabalho, não. Vejo gente gargarejando de boca cheia: “Fulano é muito trabalhador!” E daí? É de se orgulhar isso de ser ferrado na vida? Pra mim nunca teve serventia.

Mas o que interessa é que de atrás do armário estão saindo chumaços e chumaços de pelo e poeira, aglomerados que nem um tapete mal cerzido nos cantos. Um tapete preto: o pré-sal acumulado de séculos nas mãos fiandeiras de sacis a urdir pelos, ácaros e ninharias velhas, atrás das tábuas embutidas do armário.

— O que você tá fazendo é que nem comprar linguiça e depois esfarelar os gomos pra obter uma carne moída, sórdida, cheia daqueles nervos e gorduras...

— Você tá com fome? É isso?

Achei melhor nem perguntar o que ele ia mandar fazerem ali onde ficava o armário. O barulho do martelo me aturdiu. Saí às tontas pelas ruas pra não me contrariar ainda mais. Quando estava passando diante de um espelho, vi que os pelos pretos do Percalço tinham ficado na minha camisa branca. Aquilo me deu a impressão de que, se voltasse pra casa, iria encontrá-lo lá como sempre em cima do armário. Ou se esparramando perto do motor quente da geladeira, onde Percalço gostava de ficar dormitando no inverno. Então, ele abriria um olho, diria olá e voltaria ao seu sono leve de gato.

Nem Percalço nem armário. Quando cheguei em casa, havia só um vazio-cratera naquele canto do quarto. E um bilhete: “Trabalho em São Paulo. Volto amanhã. Te amo.” A cratera estava toda visível agora, atapetada com os pelos e sujeiras prensados. Comecei a revolver. Fui tirando a camada grossa de pelo, que dia a dia deve ter se estocado ali. Parecia que eu estava escalpelando, invadindo a pele do próprio Percalço. Minha impressão era que a qualquer momento poderia sangrar. O sangue escorrendo não sei se seria um alívio.

Quando uma boa parte do carpetezinho de pelo se rompeu, deu pra ver o fundo: uma cor estranha entre azulada e cinza, toda picada de pontos amarelos, como se a parede sido atacada por uma nuvem de muriçocas. E bem no meio da parede, uma rachadura, quase de fora a fora. Logo entendi que Percalço não devia estar ali.

Era uma noite de lua cheia, calor intenso. Entre ir para rua, aproveitar a noite, e tomar um banho gelado e dormir cedo, logo me entreguei à preguiça da cama. Só que ainda no primeiro sono, acordei com o Percalço me lambendo as costas, como antes costumava fazer. Não acordei de imediato, comecei a resmungar num sono leve, asselvajado de pesadelos e brilhos de vigília: a língua peluda o bichano se arrastava nas minhas costas. Isso sempre era prazeroso no começo. Mas pouco a pouco, o raspar da língua, feito uma lixa, atravessava o limiar da dor, e logo o sonho se convertia numa verdadeira tortura.

Acordei num sobressalto tão repentino que, das minhas costas, Percalço voou para fora da cama. Esganiçando em miados, correu na direção de onde ficava o armário e atravessou a rachadura na parede. Esfreguei os olhos baços e tentei medir o rombo. Agora já tinha quase dois palmos. O cinza azulado não mostrava mais as pintinhas amareladas. Por meio da fissura, não se distinguia muita coisa. Só uma penumbra é o que se via do lado de dentro.

Shui-sshui-ssshui-sshui, fiz na tentativa de chamar Percalço que nunca aprendera a atender pelo nome. Cheguei mais perto e continuei chamado. À beira da enorme fresta, tufo e tufo de pelo encobriam o chão e as paredes. O fino traço de um líquido negro escorria dali até uma poça que se formara no chão do quarto. Enfiei a cabeça no buraco.

EEEEEEEEI, gritei para ver se ao menos o eco me respondia.

— Tá gritando por quê?

Um gato de cara larga apareceu na fresta da parede. Não era o Percalço. Mas certamente era um felino. Quando fui perguntar a ele se por acaso tinha visto..., passou um peixe, em fuga ligeira, perseguido por um velho barbudo que, ao me ver, interrompeu a caçada, tomou ares sisudos e pigarreou perguntando o que eu queria ali.

— Estou atrás do Percalço!

— Ah, tá caçando sarna pra se coçar? Pode entrar. Veio ao lugar certo!

O velho barbudo me puxou e apontando:

— Vamos descer naquele barco! Estamos a cinco minutos da praia.

Tinha um riacho logo à frente. Numa canoinha malsã, descemos as corredeiras de águas transparentes. Entendi depois que tinha sido dali que o peixe fugira: logo

adiante, o fujão estava preso numa teia de aranha vermelha. O velho, passando, tirou-o da teia e o lançou, desatento, de volta na água. O riacho tomava bastante volume antes de chegar ao mar.

— Lá embaixo temos à disposição piscinas de coceira, saunas pegonhentas, banquetes de troça, blagues e mofa, além de várias outras coisas. Mas o que recomendo mesmo é a tortura chinesa com saquinhos extra de gargalhada. É o que há de melhor por aqui! Você falou que estava atrás de que mesmo...?

— Eu estou procurando meu gato Percalço.

— Seu gato...? Você tem um gato?

E antes que eu respondesse:

— Pela sua cara não pensei que você fosse desses! Olha, eu não conheço nenhum gato com esse nome estranho por aqui. Como é mesmo?

— Percalço.

— Não sei de nenhum. E se soubesse, também não diria!

O resto do caminho o velho barbudo se fechou em copas, cicerone sem comentários. O rio desaguava num mar de muita calma: tão calmo que mais parecia uma piscina a perder de vista. Ao aportarmos, o gato de cara larga veio em nossa direção. Vendo-o, pensando alto, resmunguei: “Como ele chegou aqui antes de nós?”

— Além de tudo é míope!, disse o gato!

O velho barbudo se afastou, resmungante, e me deixou ali naquele misto de cais e parque de diversões. Olhei em volta e avistei ao longe uma roda gigante no meio do mar: depois de algumas voltas tomando impulso, ela arremessava um por um dos aventureiros. No meio daquele mar-piscina, era visível uma ilha de vegetação amarela, bastante densa e frondosa.

Exceto o bando de tartarugas muito sossegado tomando sol de barriga para cima, o alvoroço ali era geral: os bichos correndo e saltando na água, presenteando um ao outro com bofetadas ou se enterrando na areia. Mais adiante, perto de uma construção verde, uma fila enorme de homens e mulheres montados em cabritos e ovelhas. Parecem estar à espera de alguma coisa.

Uma lebre passou ágil feito raposa fugindo de um nevoeiro de abelhas: enroscou na minha perna, me desequilibrei e caí na água.

Caí sentado naquele mar-piscina que parecia fundo, mas não chegava a um metro de profundidade. Dentro da água, comecei a olhar para tudo aquilo e achar divertido. Desandei a rir, rindo, rindo, rindo de mim e de toda tristeza de que os homens

são capazes. E teria ficado ali gargalhando baixinho pelo resto dos tempos, como um comedor de loto condenado à alegria, não fosse uma jovem albina me puxar pelo braço e tirar daquela água e daquele torpor engraçado.

_ Ninguém falou a vossa senhoria acerca da tortura chinesa?

_ Acho que falaram, sim! Mas não tinha ligado o nome à pessoa! Pensei que aqui fosse o mar!

_ O oceano é acolá! Defronte daquela ilha! De lá já se pode avistar o oceano!

_ E você pode me dizer como eu faço pra chegar na ilha?

_ Vossa senhoria pode ir arremessado pela roda-gigante!... Ou pode também entrar naquela fila e seguir pelas montanhas, de asno.

Ela não conteve o riso no canto da boca, trincando a cara sisuda. Mas certamente deviam ser os vapores da tortura chinesa, porque eu mesmo também sorri e não foi da sua tentativa de gracejo.

_ Acho que não preciso ir até lá na verdade. Você, por acaso, conheceu por aqui um gato chamado Percalço?

_ Não! Não conheço. Um nome estranho para um gato aliás, se vossa senhoria me permite a observação.

_ É! Fui eu quem dei. Mas acho que ele nunca adotou.

_ Por conseguinte, vossa senhoria deve procurá-lo com outro nome, não concorda?

Agradei, amável, e fui fazer. Isso de dar nome é um velho fracasso, como o de sozinho não poder inventar uma língua. Vou perguntar por ele me referindo à mancha branca na cara, então!

_ Um de pelo brilhante, tão preto que quase azul. Sob o sol, chega a reluzir até! E a mancha, branca, acima do focinho, envolvendo o olho direito...

_ Olha... não me recordo de ninguém assim, não!

Uma mulher pequena, que sentada em cima de uma ovelha, com as pernas só para um lado, à maneira das antigas donzelas... talvez por tédio-afazer de fila que é não fazer nada, ela quis, porque quis me ajudar.

_ O senhor não sabe o nome dele?

_ Não sei!, menti, cauteloso.

_ O senhor tem alguma informação sobre função que desempenha, preferências musicais, hábitos alimentares? Ele é casado?

_ Não sei.

_ O senhor é o que dele, se não sabe nem o nome nem nada? Por que está procurando? Vai fazer algum mal a ele, vingança, sequestro? Veio a mando de quem?

Quem está te pagando? E de onde é esse teu jeito gozado de falar?...

Fui me afastando e sorrindo, afastando e sorrindo, pensando que seria mais saudável me jogar naquela piscina outra vez: um pouco de alívio depois de mais de duas horas procurando Percalço. Ou melhor, procurando um gato preto, com um pelo brilhante...

_ Você não viu por aí...?

Depois que consegui conter as risadas, foi o que perguntei à iguana que estava ali na beira da piscina de tortura chinesa, tomando sol. A iguana com um meneio de cabeça deu a entender que não.

Uma tartaruga que estava ao lado perguntou se era um gato com uma voz rouca. Sem o que dizer, respondi rápido que era. Então, ela falou de um conhecido que podia ser a pessoa que eu procurava. Ele trabalha nos correios.

Nisso me deu um acesso de riso que tive que sair da água para conseguir conter. Ao sol pra secar, fiquei olhando a ilha amarela e um cansaço tão grande se apoderou de mim, desejei profundamente que anoitecesse.

_ Que horas costuma escurecer por aqui?

_ Ver o dia se por, quando se está cansado, é um alívio para os fracos.

Foi o que me respondeu a taturana de mal-humor que, feito um piolho, estava encarapitada na cabeça de um macaco-prego que acabara de se jogar na água e se rachava de rir.

Temi que ali jamais escurecesse. Então me ocorreu que Percalço... Será que ele não está me servindo como um psicopompo invisível, encarregado de mesmo ausente me introduzir naquele mundo amalucado? Nessa hora lembrei que não comia há muito tempo e ainda assim não sentia fome. Perguntei à Tartaruga onde ficavam os correios e onde havia um restaurante.

_ Os correios ficam atrás daquele prédio ali!

Mostrou uma torre sem janelas, mas com imenso elevador panorâmico.

_ Quando ao rest..., como é mesmo? Não sei do que se trata!

_ Quero comer alguma coisa...

A gargalhada lerda que a Tartaruga deu em seguida me causou alguns calafrios. Como quem depois de um delito se esforça pra ter peso na consciência, conferi meu estômago. Nem sinal de fome. Estava enfastiado até. E sem nenhum ânimo. Comer era só uma tentativa de apaziguar a amargura. Pensei que nem se me jogassem na piscina, conseguiria sorrir: morreria afogado com as gargalhadas entaladas na garganta, na glote ou vazando, tardias, pelo nariz incrustado no meio da cara roxa. Roxa de um roxo abrupto, roxo amargura, quase preto, depois um breu-nocaute estampado na carne.

A mesma jovem albina que tirara da água veio novamente e me ofereceu o abraço frio de uma toalha úmida. Isso me revigorou os nervos que nem uma massagem sutil ou várias noites bem-dormidas. Revigorou tanto que me senti disposto a andar mais um pouco à procura de Percalço. No entanto, a jovem albina fez sinal para que eu a seguisse e saiu em disparada. Corri atrás e mal podia acompanhá-la.

_ É impressão minha ou começou a escurecer?

Tinha começado a chover a algumas esquinas atrás. E às primeiras gotas, a jovem albina reduziu a velocidade dos passos, de ares contemplativos. Eu estava bem ao lado dela, quando ouvi a resposta:

_ É a chuva de pedra lascada!

Olhei por toda abóboda celeste e o que antes parecia tanto com um céu revelava-se como uma tenda gigantesca, feita de um tecido transparente, então visível pelo contato com a chuva. Chuva? Não sei se dá pra chamar assim. De início, parecia um granizo fino. Um pouco mais cinza: um granizo de chuva ácida talvez. Mas logo vi que não era. É uma chuva de pedrinhas de plástico. Ao cair essa chuva de pedras, as maiores ficavam retidas no tecido transparente, enquanto as menores precipitavam, para depois derreter em contato com o chão ou com a pele. Assim se faziam noite e chuva.

Foi confortante sentir nos olhos aqueles primeiros sinais de penumbra. A rendição do sol parecia inevitável.

_ Isso que é literalmente tampar o sol com a peneira!

_ Perdão, não compreendi!

_ Nada não! Estava aqui falando com os meus botões. Também gosto do entardecer!

_ Você também fala com os seus botões?

Acho que cheguei a concordar com a cabeça.

_ Eu tinha duas pulgas de estimação. Aí um dia eu perdi a duas de uma só vez, no meio daquela piscina. Nada me tira da cabeça que elas fugiram montadas num urubu que havia pousado ali perto. Depois comecei a falar com os meus botões também. São bem parecidos com as pulgas... Na verdade, os botões são mais companheiros, você não acha?

Um homem baixinho que parecia estar à nossa espera não me deixou pensar que diabos responder àquela jovem albina, que ria das próprias piadas sem graça. Com uma das sobancelhas esse homem baixinho deu uma levantada no chapéu. Entendi que era um cumprimento. Ele perguntou à jovem se tudo bem.

_ Tudo bem!, ela respondeu.

O homenzinho ergueu novamente o chapéu com a sobancelha e nós o seguimos.

Era uma construção antiga. Entramos por um pátio enorme, com jardins e algumas alas cobertas. Passando, deu pra ver cavalos correndo ao longo de uma alameda. A vegetação amarela. Árvores gigantescas e amarelas. Com o mar ao fundo, na ala central havia muitas mesas e pessoas a postos para começar um banquete. O gato que um dia chamei de Percalço estava sentado na cabeceira da mesa maior. O céu de plástico ali dentro parecia mais baixo. Entendi que havia um lugar destinado pra mim. Ainda se ouvia a chuva de cacos, mas ali dentro não restava a mínima dúvida de que era dia. Afora alguns arabescos de sombras se desenhando no chão, nenhum sinal daquele pôr do sol que se insinuava lá fora. Isso me deixou um pouco desconcertado. A noite me parecia um conforto necessário.

Sonata dos infernos

toco o dantesco piano
com minhas patas de cachorro
humano

esperando soar como satã
mas a música é simples
sem nenhum elã

ainda assim persisto
porque o agrado precisa ser feito
ainda hoje, ou nada

feito.

eduard
Traste

Falbalás.

[Brevíssima taxonomia
dos sentidos e movimentos]

Sedosos

Asas de insetos multiplicam se fólhos assim macios e há uma princesa cujas saias acetinadas brilham no escuro aveludado da noite. Alguns cipós da hiléia ao tocarem quem neles esbarra entre os igarapés trazem à memória dessa matéria suave produzindo encantadora sensação de alegria. Contam sobre as folhas de um exemplar do livro dos anjos que possui tão grande delicadeza que ao seu toque suas folhas agitam-se à mínima respiração do leitor. Pétalas de flores e os passos de certo monge nas pedras frias da montanha também fazem parte dos sedosos.

Alados

As asas dos anjos quando alçam vôo produzem pequenos ruídos farfalham desdobram o vento ainda mais se é brisa marinha e alguns peixes escamados deslizam em vôo aquático dançarino produzindo linhas múltiplas na superfície espelhada da água. Partículas de pó invisíveis também pertencem aos alados, às vezes provocando espirros em quem muito se aproxima delas. Fadas luminosas, roupas nos varais e cortinas acendem o espírito em meio aos sonhos dessa espécie sendo Ícaro também um alado. Ya-waráfelis quando salta desenha no ar a vontade de deus em sua infinita sensualidade solar.

sonoros

O corpo dos sonoros é difícil de ser avistado, são gordos leves ao mesmo tempo podendo em poucos segundos propagar-se ao ar vibrante por infindas camadas atravessando paredes. O fogo quando incendeia o mato com suas muitas línguas de calor desdobra sonoritats inconfundíveis forrando um imenso tapete de cinzas silenciosas assim como os pianos se desdobram por oitenta e oito fólhos como os dentes de uma grande boca. Às vezes a chuva derrama um som melancólico em seus véus translúcidos sendo como a flor do maracujá muito eficaz para embalar o sono.

jussara
Salazar

milagrosos

Dobras e sinuosidades movimentam-se em torno dos mantos milagreiros e Verônica dobrou 1330 vezes o sudário em fólhos misteriosos e secretos. Até hoje ninguém conseguiu decifrar os códices dessa mortalha sagrada. A massa da obreia faz a hóstia se multiplicar infinitamente na alma dos cristãos sendo assim um falbalá de natureza *panis sacratíssimo*. Algumas auras sanctu-santíssimas são avistadas às vezes pairando múltiplas pelo ar ou na Pedra de Ara o altar das relíquias de santos, especialmente os mártires.

ondulados

As cachoeiras são os fólhos aquáticos mais belos que existem assim como a superfície do rio quando embala folhas nômadeas que se atiram dos galhos vendo-o passar. Dizem que os espelhos possuem o mais perfeito sistema de multiplicação desdobrando o mundo até o âmago mais profundo com seu olho mágico. Muitos objetos perderam-se dentro desses cortinados misteriosos e Borges afirma que os espelhos escondem antigos mundos soterrados em suas ondulações. O espanhol Salvador Dalí possuía uma invejável coleção de ondulados.

Foz



Desagua em mim,
mas não me afoga.

Quando nos entrelaçarmos,
fazendo do lençol
nosso único corpo,

saiba a hora
de ir.

Porque quando o sol se puser
e o calor for embora,
eu preciso saber

navegar sozinha
como antes.

carla
Andressa

Se todo aperto de cordas
Fosse um afinar de notas
Ao invés de cordas vocais
Se toda batida fosse acordes
Acorde e acordaram
Se todo grito melodia
Todo berro vibração
Se todo choro chorinho
Com flauta, pandeiro e violão
Se toda viola — viola
E quem viola — violação
Se toda flauta — falta Já não fizesse
E todo aperto de corda fosse pra afinação
Se toda pauta — pauta
Pautasse libertação
E Dó fosse uma terça
Ou apenas uma nota
Ao invés de sensação
Esse nó no pescoço
Seria pausa na mão
E todo aperto de corda seria pra afinação
O morro seria samba
Mas hoje falta o Negão

ibu jean
Rocha
Aperto
de cordas



Realidade

Os peixes
se assemelham
ao sonho.

É possível vê-los
de muito
perto.

Mas
quase impossível
tocá-los.

ruy
Proença



leila
Guenther

Tenho mais de quatro décadas e não tenho história
Nem remédio que me conserte
Sempre suspeitei de um grau de autismo em minhas palavras
E que morreria por ser incapaz de comprar pão
Passo longos dias sem escutar minha voz
Longas páginas onde não atendo o telefone
Porque esqueço que ele toca
Vontade de perguntar à Elza como se inventa uma voz
Como se constrói a própria narrativa
Como fingir que se pertence a um país, fato ou família
Às vezes, muito raramente, sonho
Com um porão gigante que devora tudo o que há na superfície:
Quartos com camas *king size* se repetem e se sucedem
Sem que ninguém se deite nelas
Porque estão todos na varanda dormindo
Encostados uns nos outros
Depois de tomar veneno

A observação

A tarde cai cinza do lado de fora de uma janela qualquer. O vento remexe a poeira dos tempos não chuvosos. O verde da mata fica escuro. Uma mancha enegrecida que se expande sobre a terra. Uma casa ali e outra lá acendem suas lâmpadas amarelas. É o fim do dia de tantas pessoas que não conhecemos, com quem nunca conversamos e que devem ter suas histórias penosas. Se alguém dessas casas chega à janela e observa a tarde cinza, considerará da mesma forma que quem está do outro lado é um desconhecido, que acabou de acender a lâmpada quente ou fria.

Observando o tempo pela janela, uma coisa é certa: todos se tornam iguais e sentimos uma ponta estranha de paz no coração. Quem passa lá embaixo pelas ruas já umedecidas pela chuva mole, que se inicia depois de tantos dias à espera, acrescenta à visão do observador mais pessoas sobre a massa desconhecida. Mas quem é aquela mulher que carrega um guarda-chuva vermelho escuro, cheia de sacolas de mercado, que parece ter pressa para fugir do fim de tarde cinza? Ela caminha a passos largos, que fazem ruído na calçada, para chegar logo em casa. A casa deve ficar ao final da rua. A mulher não é totalmente desconhecida. Apesar de um rosto encoberto pelo guarda-chuva, seu modo de andar e suas roupas largas são reconhecíveis de outras observações pela janela. Talvez em dias mais claros, mais ensolarados, em que pessoas são mais vivas e identificáveis. A tarde cinza jogou sobre todos uma cor indefinida.

^{munique}
Duarte

A mulher abriu o portão da casa e entrou. Colocou as sacolas sobre a mesa da cozinha. Deixou o guarda-chuva aberto na varanda que dá para o quintal. Tirou os sapatos e calçou os chinelos. Os pés ainda estavam secos, pois andara pouco sob a chuva melada. Dali a pouco chegariam os outros, mas não agora. Ela guarda as compras nos armários e não desgruda os olhos da janela que fica de frente à janela do vizinho da esquerda, menor que a sua, mas perfeitamente observável. Lá havia uma mesa, com um pote de margarina aberto, uma faca suja de margarina e uma xícara vermelha sem pires. Tudo sobre uma toalha xadrez de verde com preto. Isso estava assim há mais de 24 horas. Ela imaginou que o vizinho pudesse ter viajado. Uma mesa de cozinha nunca fica com seus objetos paralisados, por mais que o morador da casa seja um só. É preciso tomar café todos os dias. Deve ter sido uma viagem rápida. Não o via sempre, e assim se perdeu nas considerações do relógio, para fechar suas hipóteses.

Terminou de guardar todas as compras nos armários. Dali a pouco chegariam os outros, filhos e marido. No dia seguinte seria observada pela janela menor ao lado. De pé, ela mexia em uma panela no fogão com movimentos vigorosos e compassados. Os cabelos presos na nuca às pressas. O avental com a cor laranja já desbotada. Parecia estar sozinha em casa. Atrás dela a porta de um dos armários estava aberta, com uma pilha de latas à mostra. As vermelhas de extrato de tomate e as verdes de ervilhas. As conclusões se tiram de acordo com as vivências adquiridas. Ela desligou o botão do fogo e sumiu da visão da janela. Estaria na pia, decerto.

Era meio-dia, e ele sairia para almoçar fora. Ela notou, antes de mexer na panela vigorosamente, que a toalha xadrez de verde com preto estava limpa e bem esticada sobre a mesa. Concluiu que ele voltou de viagem. A chuva melada recomeçara. A tarde cairia cinza outra vez, embaçando rostos e histórias, impedindo observações detalhadas. Mas elas sempre continuam, a despeito de tudo.



Primeira Pedra

Crava na origem da língua

Um traço histórico da derrota

E o silêncio de Adão.

O tempo retrocede entre salas vazias

e o rosto dos séculos.

Se abismarão no tempo

Sem nunca ouvir seu nome -

Uma marca coberta de pó

Num longo mergulho final.

lucas
Perito

Mais um dia de espetáculo. Mais cortinas se abrindo. Hoje o mágico acordou de mau humor. Necessitava mudar o show, as cartolas e os coelhos. Fazer a pomba branquinha de algodão se transformar em um tigre faminto ou a rosa toda viçosa pegar fogo e virar um ramalhete de dezessete unidades. Trocar as roupas, as cortinas, as varinhas mágicas, as águas que nunca escapam, as labaredas que nunca queimam, as feridas que nunca doem. A assistente Camile era linda. Surda de nascença e com um rosto inegavelmente perfeito. Era mais que sua amiga. Era sua irmã e eles se entendiam muito bem. As magias eram dele, a beleza perfumando o espetáculo era dela.

Fez desaparecer três pombinhas dentro da gaiola minúscula. Com rapidez para confundir a plateia. Aplausos fracos. Fez surgir entre os dedos bolinhas vermelhas que vinham do nada. As mangas arregaçadas para mostrar o jogo limpo. A cada dia que passava o público era mais exigente e a concorrência pululava em cada esquina. Centenas de espetáculos mágicos aconteciam ao mesmo tempo que o dele. A preocupação enrugava a testa e nunca apagava o sorriso penetrante de Camile. A cada dia as cadeiras ficavam mais vazias. O coração de mágico murchava em cada aplauso fantasmagórico. Quem sabe um coelho azul da próxima vez. Um sombreiro no lugar da cartola. Garças no lugar das pombinhas. Pobrezinhas.

A última noite do mágico

Começou a contar nos dedos o público presente. A cada noite, as cortinas revelavam um mágico cada vez mais pálido e desconcertado. Nunca errava os truques, aprendidos desde criança. Mas sempre o coração murcho se acelerava ao contar os minutos para o fim do espetáculo. Quando tudo terminava, era o alívio da mais árdua canção já tocada. Glória em decadência. Camile não desmontava nunca o sorriso. Queria ser como ela na impecável confiança do dia seguinte. Ele imaginava desaparecer helicópteros, hipnotizar hipopótamos em um lago artificial, criar um número triunfal de homem-bala mais veloz do mundo. Dormia todas as noites com o coração desmantelado.

Um novo dia despontava sem expectativas. Camile era a mesma com seu riso fácil de pérolas perfeitas. Decidiu não inovar nada. Era só mais um dia. Foi fácil contar o número de espectadores desta vez. Apenas uma mulher observava os lances compassados das mãos do mágico. Camile a considerou como uma plateia inteira, e não esmoreceu. Realizaram todos os números com aves, caixas, gaiolas, chapéus. Fim da noite. A espectadora solitária não bateu palmas. Elas não teriam força para chegar aos ouvidos do mágico. Ficaram apenas se olhando por largos e infindáveis minutos. Camile ficou de testemunha. Não teria mais emprego dali em diante. Aquele foi o último espetáculo. Fechadas as cortinas. O mágico agora provaria o chá amargo que cura e traz de volta os pés ao chão. Nada de magias de cartolas. Abriam-se agora as cortinas da realidade. A dois e para sempre.

munique
Duarte

sombras têm
recortado das pedras
equilíbrio e estruturas habitáveis
se demorasse o junco
o mundo não iria acontecer
eu mudaria seu nome de juventude
para memória

eu não quis fazer
você chorar

leonardo
Bachiega

amanda
Lins

Conto de um microcosmo

a maior genialidade dos grandes escritores é saber começar a contar uma história. vê, depois do começo, eu posso te contar qualquer coisa. é colocar uma palavra depois da outra. simples, fácil. mas para te fazer parar de folhear outro livro qualquer e se prender em *mim*, tem que ser na primeira frase. é como se apaixonar. precisa ser um murro na cara ou um soco no estômago bem dados logo no primeiro beijo. e, se você é daquelas pessoas sortudas - ou talvez idealistas - no primeiro olhar.

mas eu não vim falar de amor, embora uma frase dessas - *precisa ser um murro na cara ou um soco no estômago bem dados logo no primeiro beijo* - dê num bom jeito de começar um conto. depois é só mudar o assunto pro que nos interessa aqui. o que importa, vou falar de novo, é a primeira frase.

vai ver por isso não começo as coisas. meu problema é que eu morro de véspera, entende? só sabe se é genial quem mostra a cara pro mundo, mas fiquei com medo do tapa, então sem começo, sem meio, sem fim. o problema nisso é que eu não dou pra muita coisa, nasci com esse diabo de escrita em mim, não esqueço ela, não tento ela, um dia a gente se enforca. mamãe bem que tentou me colocar pra engenheira, médica, advogada. me matriculou na faculdade, na primeira semana filei todas as aulas. e chegava em casa dizendo que *amava* por lá. veja bem, nunca fui mentirosa. da faculdade eu gostava. das aulas...bem, não sei opinar.

ora, mas veja você que eu também não vim falar disso, nem de quando eu larguei o curso, depois de três meses de vagabundagem pelo campus e de reprovar por falta em metade das cadeiras. esse é só o rascunho, talvez vão pro lixo esses parágrafos, é história sem cabimento. pois vou voltar pro meu problema de quando comecei a divagar: *eu não dou pra muita coisa*. não dou pra muita coisa, não faço muita coisa. e vou escrever do quê então? diabo. mas a escrita nunca pára de martelar.

então, disse à mamãe, não tem medicina, não tem direito, vou me trancar num quartinho e escrever, que assim a alma não morre. e nesse tempo eu arrumei umas namoradas, dormi de dia e escrevi de madrugada, mas pra madrugar bebo vinho, e meus poemas de amor ficam bêbados e ruins. quero contar história, agora. mas história do quê?

mas eu também não vim falar do meu bloqueio barra crise dos vinte anos barra tristeza da jovem média pra você, embora seja também por causa disso tudo que cheguei aqui. portanto, antes que até o efeito de primeira frase vá embora e você me largue aqui sem desenrolar meu pensamento, apresentar-lhe-ei o tópico que há mil parágrafos tento parir. e do jeito mais direto, porque agora não dá mais: *eu tive um sonho*. eu tive um sonho, e é essa a história que preciso contar. a história do dia em que entrei num calabouço, conversei com outra espécie e fugi por um labirinto de um monstro ameaçador. sendo que o monstro era eu, o labirinto era eu, o calabouço era eu e tudo mais era eu. eu tive um sonho mas também tive uma epifania e é isso que eu preciso contar. *preciso*, porque eu não escrevo por gostar. escrevo porque me aperta o peito e me chuta certo no útero. escrever é meu parto diário. eu *preciso*, porque eu tive uma epifania, porque desde sempre eu sei que se não dou pra nada, só pra escrita, então eu dou pra escrita. então eu deveria mesmo estar nesse quarto apertado, com cheiro de bebida barata, forçando a vista no computador, escrevendo pro mundo - ou pro lixo da minha rua - ouvir.

e nessa história aqui eu lhe peço o perdão que só as artistas merecem, pelos detalhes que perdi no meio do caminho. é que o véu do consciente não deixa tudo à mostra pra gente. além disso, igualmente aos meus poemas bêbados de amor, algumas histórias precisam de uma ou duas taças de vinho para serem contadas. ou três, ou quatro.

eu caí no buraco. feito Alice. ou nesse caso, me puxaram, ou, pra falar a verdade, só fui. estendi a mão e deixei-me ser conduzida pelo mistério, tão fascinante. a primeira escada era branca. descia embaixo da plataforma em que estávamos. eu vi escadas rolantes por perto, mas deduzi que seria importante andar por estas escadas de ferro, enferrujadas dos lados. talvez isso mostrasse coragem, nobreza de espírito. a moça que nos levou, vou chamá-la de Condutora, a Condutora passou pelos trilhos e pulou agora para uma escada preta. essa era uma escada estreita. trazia escuridão em seus degraus. parecia pular a distância de mais um planeta do sol. mas o quê? talvez descer ali mostrasse coragem, nobreza de espírito. descemos. mercúrio, vênus, terra, Marte. Marte do conflito. nosso destino. era um galpão. ou um palco. melhor, um cinema, ou melhor, um palco, com um cinema por trás das cortinas. então se passam as cortinas, e lá os seguranças lhe buscam o celular, porque ninguém grava o filme do telão.

presta atenção, vê, que essa é a hora de apertar os olhos pro segurança barbudo na sua frente. na minha frente, no caso, e foi o que fiz. apertei os olhos pro homenzinho e meti meu celular na meia. por ali, já tinha me perdido da Condutora e de todos os Outros - não sei se mencionei: foi uma viagem com muitas pessoas. todas já estavam longe. dispersos. mas por ali, já tinha me perdido, só não notei que estava perdida, e eu tinha três portas à minha volta. como num provador de roupas, com

espelhos de todos os lados, desconsiderando atrás de mim. lá eram as cortinas, eu não precisava voltar pra onde estava. eu tinha três portas. lado esquerdo, ninguém lá. à minha frente, ninguém. lado direito, mais um segurança, venha por aqui. bom, no cinema sempre lhe mostram o caminho. pelo direito.

depois da porta do segurança, lembre de Alice, eu precisava passar por uma portinha. sem chá de encolher e biscoito de aumentar, só me espremer pela portinha e ver os Outros me esperando do lado de lá. e que diabo de porta apertada, eu não sou grande, um metro e meio e nem muita gordura, e fiquei travada ali no meio, como que esse tanto de gente maior que eu passou? é meu sonho, Alice, vem comigo, me empurra. passa. aqui sim o cinema. mas não pense já na sala que tu conhece, escura, várias cadeirinhas iguais, telão branco, volta a imagem mental pro galpão. umas três fileiras de cadeiras esparsas e uma roda no fundo. senta aqui.

nos sonhos, tu esquece que sonha, e a memória funciona de um jeito engraçado. tu só foca no presente, no que ta acontecendo ali, agora, o que parece inclusive uma boa coisa pra levar pra vida desperta. acontece que eu já não sabia mais como havia chegado ali, só sentei e vi o que tinha de absurdo acontecer. é sonho, mas não ache por isso que não era verdade. três cigarros passando na roda. e uns peixes na tela. um filme, mas na verdade um aquário, mas na verdade um reino aquático e eu também participava. e o rei tritão não ia deixar ninguém ir embora assim. mas que ABSURDO isso, fuge. cadê meu celular?

tu acha, fugir ou lutar? eu quis correr. e eu fiz e minha mente virou um labirinto e aquela moça que tinha os olhos arregalados correndo atrás de mim. mas quando é sua mente, tu conhece tua mente, e agora tu já sabe que é um sonho e que no seu sonho você manda. não importa o quanto puxem teu pé. e ela puxou.

e tu fuge, porque o labirinto também é teu. tu acorda. e eu acordei. com o labirinto e o rei tritão e o aquário e os cigarros da roda e a moça grudados nas minhas pálpebras. como se eu tivesse tatuado aquela imagem por dentro delas e pudesse ver tudo, nítido e claro, quando fechasse os olhos. eu pensei dias e dias em por que tinha ficado tão assustada. e o que são minhas portas, e meus peixes são meus demônios? eu devo deixar eles escondidos por lá depois de tantas escadas, então?

anotei tudo que eu precisava perguntar pra mim mesma em meu caderno, e fiz esse conto pra me lembrar de quem sou. acho que eu precisava mesmo ver os peixes. antídoto pra veneno de cobra se faz com veneno de cobra, afinal.

olhe, aqui eu vou voltar atrás. a maior genialidade dos grandes escritores? é escrever as linhas de dentro das linhas. as palavras de dentro das palavras. antes dos que contam grandes histórias porque sabem começar grandes histórias, tem os que contam grandes histórias porque sabem te fazer enxergar que, de alguma forma, aquela história vai além do que é. é um microcosmo. quando eu era criança, gostava

das miniaturas. cidades miniatura. bonecos miniatura. castelinhos. depois, eu gostei dos átomos. foi quando eu aprendi que os átomos têm seu núcleo e partículas convivendo em um movimento giratório com leis de atração e repulsão que funcionavam seguindo a *mesma fórmula* dos planetas. em uma escala infinitamente menor. o mesmo movimento. sendo que um deles é tão grande que tu não consegue imaginar. o outro deles é tão pequeno que tu não enxerga. vivendo segundo a mesma lei. o quão incrível isso é?

depois disso eu também gostei dos oceanos. nas piscinas naturais, nos recifes de coral e nos pequenos ambientes marinhos, vive um micro-universo de bactérias e animais menores. com suas micro-cadeias alimentares. só que aquela pequena vida marinha é a que alimenta as maiores e que em algum momento acaba entrando em contato com *todo* o resto da cadeia alimentar, através de si mesma ou até de ciclos de oxigênio. a vida começa no mar. e a vida começa no átomo. e a vida começa nos sonhos. e você é seus átomos, você é seu oxigênio. não se engane. você é seus sonhos.

[e suas epifanias pós-sonho, tão importantes quanto].

só come
a batata
da perna

ruy
Proença

as maçãs
do rosto

a planta
do pé

a palma
da mão

a flora
do intestino

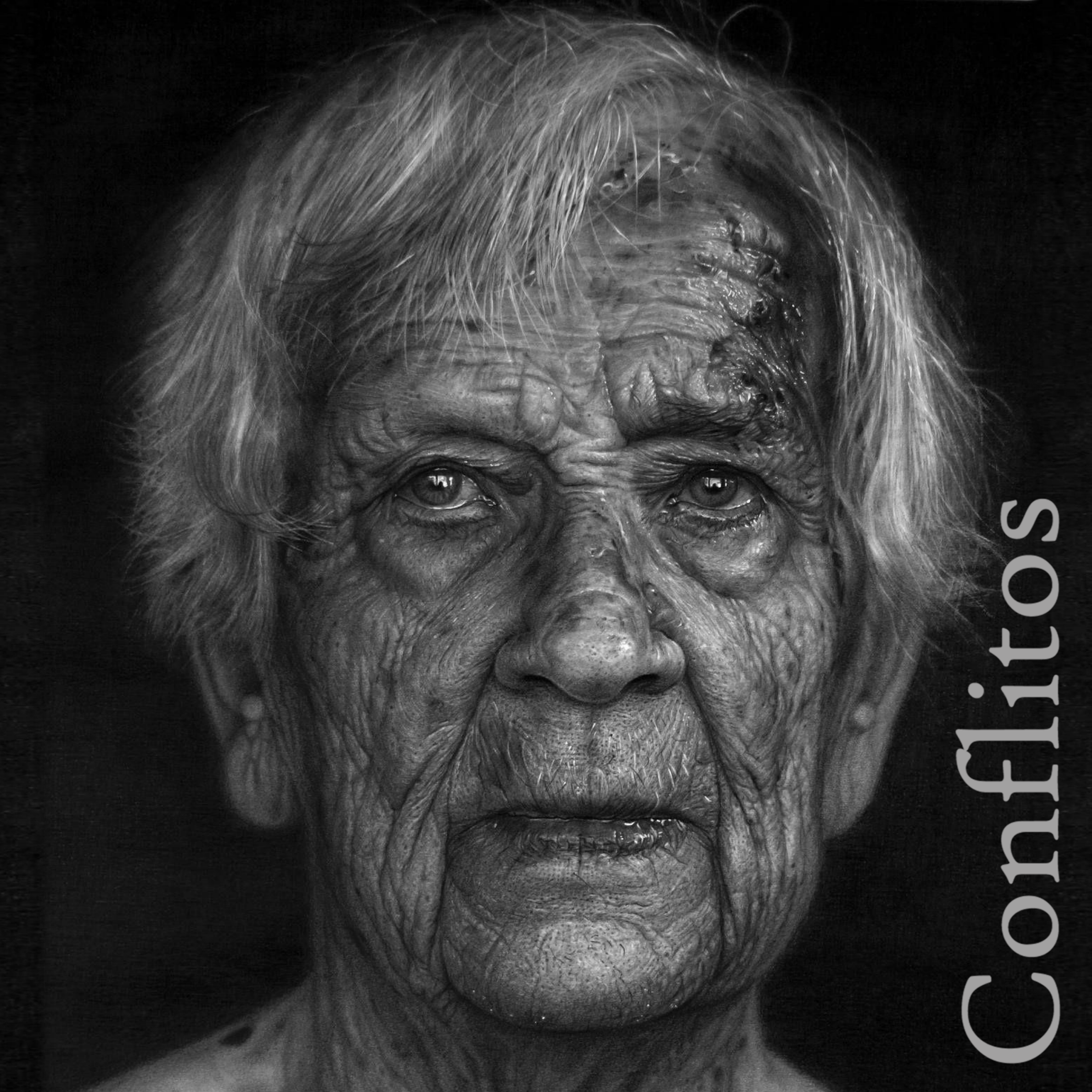
o pomo
de adão

a raiz
do cabelo

sobremesa?

só o coco.

Tubarão
vegano
para Marc



Conflictos

Eu habitava comigo
como se a sonoridade do meu nome
fosse um origami
na aurora de cedro.

Eu me perdera de mim
como se a queda
fosse de mármore
e no bem que ganhara
perdesse a direção.

A curva.
O baque,
o presságio
de uma ilusão.

Era de granizo
a procela que feriu
e depois partiu.

Era poético
o corpo que suportou
e depois metaforizou.

Era um sabre
no bolso a vontade
de qualquer estrada
que desaponte
as evidências,

como se na letargia
dos cétricos pudesse
acordar sem acreditar
na fealdade
dos porões bestiais.

tito
Leite



sinal

subir o vidro pra não ter que olhar nos olhos dele pra não precisar ver aquilo que não pode ser visto porque a vida é só isso aqui a minha vida é só isso aqui entoa o motor do carro de duzentos e cinquenta e cinco mil reais parado no sinal e o menino do lado de fora é só uma sombra só um fantasma só um monstro mas monstros não existem são coisas da nossa cabeça o menino do lado de fora é fruto da tua imaginação é só não olhar é só fazer de conta que ele não está ali mas ele está ali ó bem ali se aproximando do carro cada vez mais perto quantos anos ele tem doze dez nove quem sabe ele tem nove tão novo e já trabalhando com quantos anos você começou a trabalhar com quantos anos foi que o seu pai disse filho acho que agora você já tá pronto pra assumir os negócios da empresa foi depois de completar dezoito depois de ganhar o primeiro carro depois de você parar de receber mesada depois da tua mãe descobrir que você andava gastando demais nas baladas filho se o teu pai souber que você torrou mil reais em uma noite ele me mata esse dinheiro é pra você passar o resto do mês economiza tá e a tua mãe te entrega mais uma quantia e você fala obrigado mãe eu não sei o que eu faria sem a senhora onde é que tá a mãe do menino lá fora cadê ela pra falar filho esse dinheiro é pra você não precisar ir trabalhar filho esse dinheiro é pra você comprar uma calça e uma blusa porque tá frio e filho meu não vai passar frio onde é que tá a mãe e o pai daquele menino do menino que se aproxima que chega bem pertinho e você de vidro fechado não vê o rosto dele que é só uma sombra porque ele é um fantasma um espectro que coloca um pacote de balas bem em cima do teu retrovisor e você espera o menino passar seguir adiante ir para os outros carros e baixa o vidro rapidamente e encara o pacote plástico e o bilhete colado no retrovisor é um xerox de outro bilhete o bilhete original escrito em uma Lan House em um beco qualquer e o bilhete diz apenas 1 real deus que te abençoe e você pensa 1 real e olha pras balas coloridas cinco ou seis no pacote tem morango tem de framboesa tem uma verde que você não sabe do que é por apenas 1 real

felipe
Teodoro

deus que te abençoe o que é que uma pessoa faz com a porra de 1 real e você olha no retrovisor e vê o menino voltando e o sinal tá quase abrindo e você precisa ir você tá com pressa e você fecha os olhos brevemente torcendo pra que as balas desaparecem porque elas não são reais assim como o menino mas as balas continuam ali te encarando e o menino voltando voltando olhando pra você e ele chega perto agora você vê ele em carne e osso não tem como ter mais de doze anos sem chance e ele pega o pacote de balas e agora vocês não se olham mais pelo vidro é olho no olho e os segundos parecem eternidades e menino agora é grande demais assustador ele vai te devorar inteiro engolir você e o teu carro de merda o menino é um deus é um monstro mas monstros e deuses não existem ou eles são tão reais quanto você e eu e o menino e a boca do menino abre e você vê os dentes amarelos as cáries o céu da boca na completa escuridão silenciosa que parece apertar suas entranhas sufocar teu corpo e antes dele completar o deus que te abençoe você ergue o vidro e acelera o carro e parte porque agora é hora de partir e o suor escorre da tua testa o coração acelerado e no retrovisor a sombra do menino parado no meio da rua no meio do movimento dos carros o menino aguardando uma oportunidade de voltar para a calçada e aguardar mais um sinal fechado teu telefone toca e quando você pega ele vê uma nota de dois reais no porta-moedas mas aquele dinheiro não significa nada você nem sabe de onde aquilo veio o que é que uma pessoa faz com a porra de 2 reais e você atende o celular e combina com seu amigo aquela partida de mini-golf no final de semana e diz que já comprou tudo pro churrasco que ele não precisa esquentar a cabeça e o menino já é passado distante borrão pequeno ladrilho em um corredor escuro da tua mente o menino apenas um rastro uma mancha na tua carne uma barata percorrendo as paredes de concreto sujas que envolvem teus ossos uma barata devorando os restinhos de humanidade escondido nas frestas do teu corpo você desliga o telefone e acelera mais e depois sem perceber coça uma de suas antenas

soldadinhos à corda
andando relógicamente
apressam os semáforos
permitindo que passem as horas
e os carros friccionados,

que se ponha o sol,
e os ventríloquos
[atrás de uma caixa]
ou sentados em colos
mexam suas bocas

mandando que se calem
os soldados que já não marcham,
porque a mão que dá corda
e fricciona os carros
agora quer brincar de outra coisa

henrique
Pitt

felipe
Teodoro

inferno

...sem camiseta correndo entre vielas fundido com a noite o coração saltando na ponta dos olhos de ruas sem nome com medo não se conhece nem a própria casa tudo é labirinto tudo é caminho sem saída corredor sem fim o cascalho aponta outras direções traçando linhas de sangue na sola dos pés sujos de barro mas não há direção no silêncio que grita além de todas as palavras ainda mais aqui onde os barracos de madeira são deuses falidos chorando e as telhas podres nossos ossos encarando o céu escuro vermes deitados no musgo da nossa miséria tipo pessoas enferrujadas tortas feito pregos esquecidos aqui a morte observa os mortos da janela e a morte atravessa os vivos através do barulho da sirene do barulho dos tiros do barulho da caveira com dentes e rodas invadindo a favela aqui a morte escorre de uniformes botas pretas & verdes - as armas todas as armas são deles até as que carregamos dentro da calça até as que escondemos debaixo dos colchões encardidos até as guardadas no forro apodrecido & nos tijolos queimados das churrasqueiras todas as armas são deles e todos os tiros são deles também saindo da gente voltando pra gente *num ciclo sem fim...*

...meu dedo e o teu dedo só encontram paz no gatilho só encontram calma no gatilho só encontram uma chance ali no disparo entre nós ninguém gosta de atirar e são poucos os que matam porque querem matar mas eles não percebem e nos entopem de armas e nos entopem de tudo que pode corromper aquilo que nasceu mas não floresce já viu que não para uma árvore em pé aqui? todas as folhas secam e a gente seca junto e morre tudo junto e as drogas continuam entrando e saindo e a guerra continua a guerra todo dia todo dia toda noite é um conflito - veja só as mulheres cheias de sacolas atravessando as ruas gritando e os pedreiros se escondendo nas construções as portas dos bares & mercearias sendo baixadas as pipas voando sozinhas no céu veja o menino sem camiseta correndo entre vielas fundido com a noite o coração saltando na ponta dos olhos a criança escondida no guarda-roupa despedaçado com a boneca de plástico de apenas um braço veja as paredes do barraco tremendo veja o exército de demônios marchando subindo subindo veja o jovem militar com medo em sua primeira operação correndo entre vielas fundido com a noite o coração saltando na ponta dos olhos com a arma na mão sem saber o que fazer mas ordens são ordens e aqui não é treinamento é realidade e a realidade a gente sente na pele a realidade rói os ossos arrepiando todos os pelos empedra a carne...

...os barracos são demônios rindo da tua cara e o vento é um fantasma sussurrando no teu ouvido esse é o teu fim esse é o fim de todos nós o movimento na janela e a ordem estampada na mente no corpo nos próprios dedos a ordem estampada no uniforme **QUALQUER MOVIMENTO SUSPEITO ATIRE NÓS TEMOS AUTORIZAÇÃO PARAR ATIRAR EM QUALQUER UM QUE ESTEJA ARMADO** qualquer um que esteja armado isso aqui é uma selva de pedra tá todo mundo armado cada cidadão carrega dentro do estômago um fuzil diferente e ele atira e você atira e a gente atira e o projétil atravessa o vidro da janela atravessa a fina cortina encardida atravessa a cabeça da velha que reza um pai-nosso na janela atravessa o teto da cozinha e segue em direção ao céu e o corpo da velha cai o sangue inocente mancha o piso bruto e lá fora um vira-lata uiva e o uivo me diz que o inferno tá só começando que o inferno aqui nunca vai ter fim porque ele *brota de dentro da gente...*

e - Pesquisa de solo I

dentro da mão um presente
dentro da mão um presente guardado
através do passado que é presente
do futuro que o vai ser
dentro da mão um presente tão firme
tão firme
na mão junto ao peito
não vá se apagar na tormenta

dentro da mão um presente
firme, seco, verde ainda
prestes a ser
e já tudo o que há.

e - Pesquisa de solo II

mãos que levantaram-se e caíram
no fluir inadiável do tempo
e dia por dia ano por ano escavaram o tempo
até aqui chegarem
a estas minhas mãos morenas sob este céu
transparente
sobre este teclado

mãos que levantaram-se e caíram
nos afazeres
e no fazer do tempo
que ele é por elas feito e elas por ele
engolidas

o trabalho comum que é o tempo
esta conta de vidro
mão por mão gesto por gesto
feito e abandonado como as ondas consecutivas
na praia
como o fio que se tece só em parte
tempo

– minhas mãos aquelas também
sob estas.

matheus
Guménin
Barreto

karen
Pimentel

Pitangueira

o som dos teus
ossos trincando

lembra o dia em
que quebrei bonecas
debaixo da pitangueira:

eu já sabia o teu nome
antes de dizer o meu.

Revelações

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Hoje recebi outra provação do Senhor, logo quando a síndica veio me avisar pelo interfone da interrupção de luz das nove às duas da tarde para manutenção na rua, compreendi que para eu tomar meu banho mais cedo e que deveria sair de casa. Logo pensei, para onde deveria ir, se não tinha nada marcado com médico, juiz ou advogado? Sem luz em casa, em meio ao silêncio do liquidificador e à tela escura do televisão, o Senhor me leva de volta à humilde constatação de que não somos nada diante de um interruptor impotente. Resolvi sair para comprar velas, pois ainda que a luz voltasse em pleno dia, nunca se sabe quais os sinais que o Senhor coloca em nosso caminho, hoje um blecaute, amanhã queimamos nossos móveis para nos aquecer em uma nova era glacial.

No caminho passei em frente à banca de jornal e na rápida conversa você hoje por aqui? Aconteceu algo? Nada não, está sem luz em casa, percebi que o Senhor se manifestou na aprovação da filha do jornaleiro ao vestibular, uma menina de ouro!, e também na enchente em Paragominas estampada na capa do jornal, que tragédia! Encontro uma cartela de isqueiros atrás do jornaleiro e o instinto de sobrevivência me obriga a comprar um, este espólio prometeico que recusamos a devolver e sem o qual as velas de nada adiantariam, que cor você quer? Sempre é assim quando nosso livre-arbítrio é posto à prova, seja uma decisão que precisamos tomar ao ultrapassar um caminhão em uma pista de mão dupla à noite sob chuva, seja a escolha da cor de um isqueiro. Nesse momento percebo a atenção das irmãs fiandeiras do destino em mim, Cloto interrompe a fiação ao me olhar sobre os óculos, Láquesis se prepara para dar o último nó e Átropos deixa a palavra cruzada em cima da mesa para abrir a tesoura em direção ao fio de minha vida. “Amarelo”, respondo, a tesoura se afasta do fio e as Moiras retomam o tear.

andré Mellagi

Antes de alcançar a mercearia, o Senhor traz a Luciana diante de mim, mais conhecida como Lucinática entre o povo maldoso da rua. Vem ela arrastando seu carrinho de feira repleto de rádios de pilha sintonizados em estações diferentes, num murmurinho incompreensível que misturava narrações de partidas de futebol, pregações evangélicas, hit-parades e a previsão do tempo, orquestrados com seu monólogo incessante no mesmo volume. Caminha em minha direção, alheia a mim e a todos os olhos e risadas da calçada, me aproximei para ouvir o que ela profetizava naquele intervalo entre suas intonações, “a agonia quando eclode do ovo se vê ainda presa no estômago do homem”, anoto o que ela diz no celular em meio à cobrança do escanteio e à frente fria que vem do sul, nessa hora o Senhor me interrompe fazendo meu pai me ligar, a salvação da alma se afasta ao som de Shakira, filho, está me ouvindo? Precisei levar sua mãe ao hospital, ela não está passando bem.

Chego na mercearia e compro duas velas, uma para iluminar meu quarto e a outra para abençoar a saúde de minha mãe, embora esteja agora no meu quarto com as duas acesas e me esqueci qual é qual. Sei que as duas iluminam e velam, ainda são quatro da tarde e a luz da lâmpada já voltou, toda essa luz em minha volta, sinto Tua presença e fecho os olhos com as mãos, apavorado de encarar Teu semblante. Agradeço ao Senhor por mais um dia. Amém.

Carvão!... Jogos altos, quedas bruscas. Um Romano! Vestido de vapor deixo a última fronteira esvair-se na noite. Sem linhas... Perfurado pela aclamação tenho nas mãos sangue Andrônico. Não me deixara escolha: Amigo, cúmplice... Amor! Caliginoso pungente entre coxas severas... Lúcio, nem tão jovem assim, não soube lidar com a realidade. Meu peito oco insiste em bater... Ela se fora. Ah! Meu pai... Se pudesse me ver...: Roma curvada à escuridão. Visto a leveza de um sorriso, observo os olhares atentos e contentes... Apenas mérito. Fruto do desvio e da febre, sinto na têmpora o deleite da vingança. Morre o Imperador!... O justo!... Um mouro colheu seu último olhar. Sim, é o que sou: Um fantasma. Lúcio fora o pai que podia ser, contou-me sua verdade. Preenchido por reflexo opaco, entrego o coração de seu filho: Lúcio, o jovem. Um único golpe. Em cama rósea pulsamos em silêncio. Lâmina certa em peito desfavorecido. Iluminado pelo breu, retiro o coração de Lúcio, o irmão que conheci, o inimigo que jamais esperei.

Grafite. Fui traído. Meus algozes não merecem viver. Uma marionete nas mãos de Roma... Carrego cada cabeça inimiga arrancada em batalha: Por Roma! Por meu Pai... Imperador. O jovem Lúcio despeja seu ódio ao me contar toda a verdade: Meus pais estão mortos! Apagaram os vestígios de quem... Nem sei quem sou. Filho bastardo... Tamora e seu amante Aarão habitam estranhamente no meu corpo. Por quê? Vingança?... Experimento pela primeira vez a tristeza. Choro. Dependurada na árvore de nosso jardim, Adélia despede-se do mundo. Vestida pela vergonha, entranhada no medo, meu amor corre para o jardim. Meu irmão Lúcio não suportou ver nossa carne entrelaçada... Adélia... Ainda tão linda... Sua mãe, nossa mãe...

Pastel seco. Mais uma batalha gloriosa! Carrego nas mãos a cabeça do líder mouro inimigo... Ah! O imperador ficará satisfeito. Meu pai ficará feliz. Treinamento extensivo, festas dedicadas a mim, mulheres e homens ao meu desejo... A Caelinus toda a Honra e Glória! Sou o maior guerreiro de Roma. Lúcio, o jovem, meu irmão mais velho, melhor amigo... Tem seu destempero julgado, nosso pai é severo demais com ele. Frágil, nunca serviu à batalha. Crescemos iguais. Caminhamos por estradas-outras.

Impetuoso demais, sonhador na mesma medida. Arrepentido de ter sido dele... Lúcio não entendera o acontecido. O breu tomava Roma naquele dia... Eu voltava de uma batalha ainda sem vencedor, as estratégias precisavam ser revistas, eu só queria ganhar... Ensinado a vencer, nunca tive medo. Trégua com os inimigos por algumas semanas... Tempo suficiente para articular a vitória. Cansado, Lúcio me acolheu. Naquele dia irmãos se amaram como homens.

Sanguínea. Descobri o amor! Ajoelhada em frente ao meu corpo, sinto a voracidade de seu desejo reprimido. Adélia vestia azul naquela manhã, falava sozinha coisas desconexas... Meu pai não dormira em casa. Me aproximei, ela me olhou firmemente. Pela primeira vez seu abraço me acertou com tamanha força que pude sentir toda a extensão de sua pele, de seu corpo perfeito. Sem entender, apenas senti. Como num golpe fatal, seus lábios tocaram os meus, tentei dizer não, era tarde. Na docilidade dos seus dedos, sou ferido de morte por um amor maldito. Distante, apreensiva, olhos sempre atentos. Adélia nunca quis ser minha mãe. Sempre amou mais meu irmão Lúcio.

Meu pai muito ausente, não a compreendia. Acho que por isso vigia meus passos, quero ser como meu pai... Um guerreiro!... Imperador. Eu amo a minha mãe... Ela tenta me amar, eu sei...

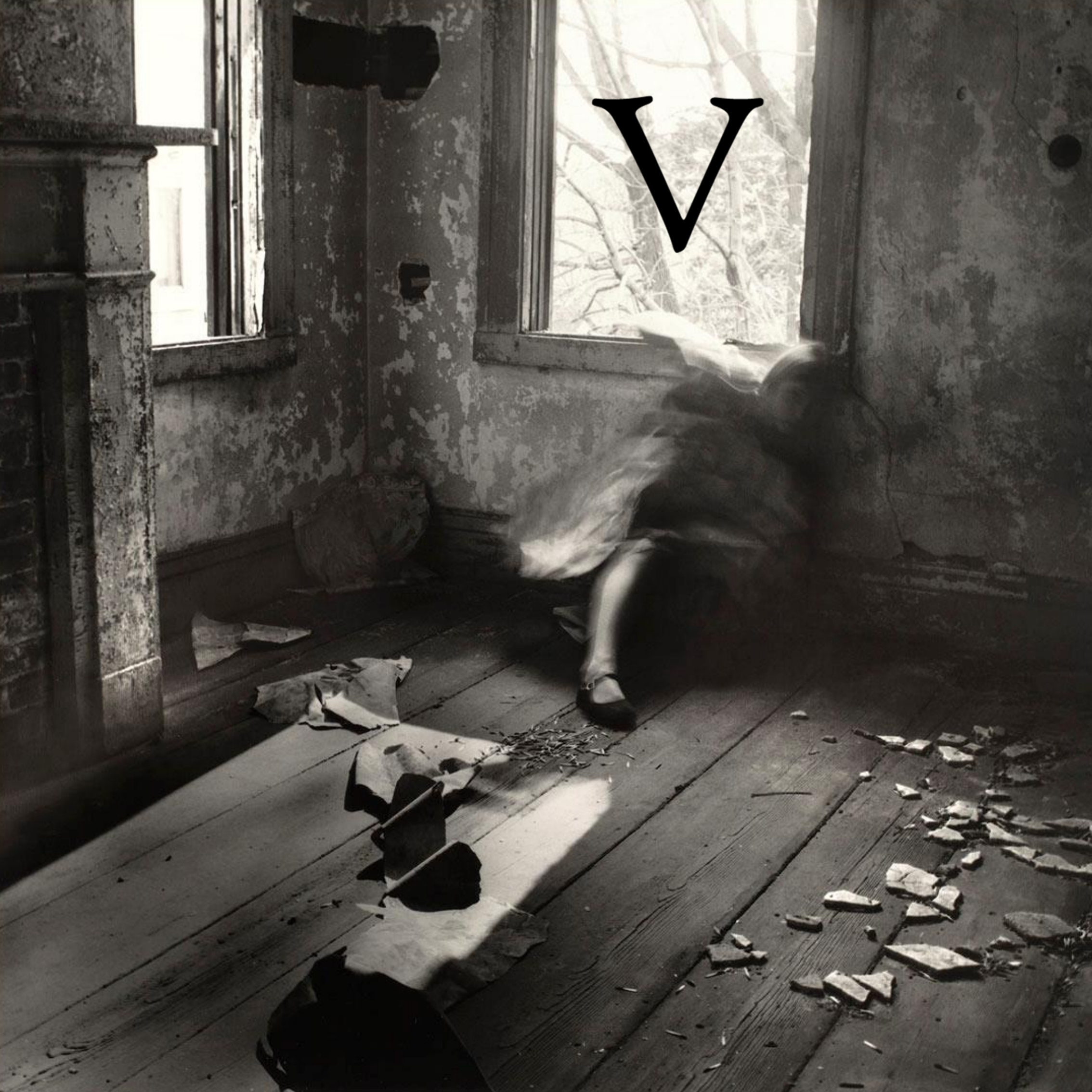
Meu irmão ferira-se treinando comigo, ele insiste em lutar... Pobre irmão. Nossa mãe me culpou pelo ocorrido. Três dias sem frutas, minha punição. Meu pai está ocupado demais com o Império para perceber...! Eu só quero ser um guerreiro, ficar longe dos olhos dela.

Quando meu pai não está por perto, ela me chama de escuro. Não gosto. Lúcio sempre sorri. Não entendo, somos iguais, romanos.

Verniz de madeira. Faço 7 anos hoje. Papai contou a minha história pela primeira vez. Meu irmão Lúcio era crescido, mamãe não podia ter mais filhos. Aclamado imperador, meu pai voltava de uma batalha muito sangrenta. Nossa família foi dizimada, era um momento de recomeço... As águas de Roma trouxeram um bebê anoitecido. Meu papai entendeu que era um sinal dos nossos deuses.

- A chegada da Glória por mãos lúgubres! – gritou ele.

Acolhido e amado no primeiro instante. Caelinus Lúcio Andrônico, filho de *César*, fruto de Roma, e como diz mamãe: Um cavaleiro de copas.



seis da manhã.
há uma janela,
eu estou nela.
pessoas apressadas,
os trabalhadores,
confundidos
com a caminhada
dos nativos
dalí, do Jardim de Alah.
depois os pombos
se dissipam assustados.
não há flores na manhã,
uma chuva rala cai.
deixo a janela aberta

tiago
Dias

dor

felipe
Teodoro

na hora do intervalo operários compartilham no Whatsapp o vídeo de um negro sendo chicoteado.
tá apanhando pq roubou do patrão diz um deles e outro completa tem q descê o cacete mesmo
na mesma mesa um rapaz inquieto perde o apetite e levanta dizendo
você são doentes não deviam tá compartilhando essa merda
e vai pro banheiro com vontade de vomitar
pensando que por alguns ovos o homem havia levado
quarenta e quatro chicotadas
[os peões contaram quarenta e quatro chicotadas contaram em coro quarenta e quatro chicotadas]
pra alimentar a família
a pele arde a pele sangra
mas o olhar e o choro de fome de um filho doem mil vezes mais
pensa o rapaz que ainda não tem filho que nunca passou fome
mas viver nesse mundo filho da puta e ter que ver essas merdas também dói
só que ficar mal pela dor do outro não dói mais
que quarenta e quatro chicotadas nas costas
ainda que a pele arda ainda que eu não durma ainda que eu chore e tenha pesadelos
ainda que eu ache que o mundo tá perdido
q tamô tudo fudido
q a gente já morreu e esse aqui é o inferno
ainda q não exista mais deus justiça & esperança e só
reste o horror e horror do horror
ainda que centenas de poemas sejam escritos
essa dor não dói como as quarenta e quatro chicotadas nas costas
do trabalhador que pegou alguns ovos pra alimentar os filhos
[quarenta e quatro chicotadas contaram em coro os operários quarenta e quatro chicotadas]

Meia noite e meia nas proximidades do Maracanã. Povão em polvorosa. Pós-jogo. Futebol é paixão. As pessoas tomam seus rumos de volta para suas casas. Massa antenada. Taxistas atentos. Uma multidão que se dissipa feito um arco-íris pelas calçadas. Noite quente de abril. O Rio de Janeiro para quando tem clássico. O Rio de Janeiro continua lindo, convenhamos. Apesar dos grandes e incontáveis pesares. Andrada e Pepeu, parceiros de longuíssima data, hoje seguem um tanto trôpegos, mas sóbrios o suficiente. Nem tristes nem alegres, rumam. Os dois conversam sobre o empate envolvendo seus times do coração: Flamengo e Fluminense. “Por pouco não ganho a aposta, Andrada!”, disse Pepeu, com uma sacola plástica preta entrelaçada em uma das mãos e um sorriso tímido. “Pois é, cara, pois é. Quase perco.” E para adiante iam. Vendedores ambulantes tropeçando nos transeuntes. É muita gente, muita mesmo. 70 mil torcedores em plena quarta-feira. Ou mais. Quem acode a moça do outro lado da rua que passou mal? Na outra quebrada do bairro acusaram arrastão. “Tá cada vez mais difícil, Andrada”, reclamou Pepeu. “O Rio precisa se reinventar. O Brasil inteiro, na verdade.” Primeira vez dos dois em um estádio. Quanta emoção subir a rampa do mítico Maraca. A famosa estátua do Bellini dando as boas-vindas e toda aquela aura mística. “Semana que vem estaremos aqui de volta para o segundo confronto”, lembrou Pepeu. Descem para a estação do metrô mais próxima. Pepeu vai para seu apartamento em Copacabana, mas desconfia de alguma coisa. O amigo é do Leme e o alertara há dias. Não foi por falta de aviso. Andrada fez até mais do que simplesmente ligar a sirene de sua percepção. Vestiu jeans e foi ao Camelódromo da Rua Quinze de Novembro. Comprou o vídeo. Pepeu com fome e rouco, àquela altura do campeonato nem dava importância para as coisas do colega. Parecia até que Pepeu falava sozinho em certos momentos. Foi quando Andrada esticou as mãos e lhe passou a sacola preta, sem dizer nenhuma palavra. Pepeu a tateou, lentamente. Logo descobriu que se tratava de uma capa de DVD. Parecia coisa falsificada. Imprimiu vistas ao produto com um tom solene, curioso. A capa, e logo após alguns solfejos. “Um filme de mulher pelada!”, exclamou Pepeu. “Veja quando você chegar em casa”, balbuciou Andrada, constrangido e descendo no meio do caminho. Portas fechadas. O metrô seguiu. De chofre, os olhos de Pepeu embotaram. “Mas, por quê?!”. Ainda soluçou, vertendo lágrimas e um tanto de incredulidade. Os gemidos eram como ferro em brasa a lhe marcarem o coração. Leu: categoria Gang Bang. Ao final do filme, nos créditos, aparecia ela: Lia Hotlips. Uma calmaria seguida de um silêncio. Não fora esse o nome que escolhera para batizar sua filha.

alessandra
Barcelar

Nome de batismo



O Pouco que
temos queremos
: LIBERDA
: LIBERDA

marcha da família com deus pela liberdade
um homem de roupas claras tira uma selfie
com seu filho prodígio e posta nas redes sociais
os tempos se confundem

vejo índios cruzando a esquina
com lanças em punho
arcos recém-fabricados
pois a cidade
sujeira compacta
é uma mata fechada

há um mangue sob o shopping iguatemi
e um lençol freático abaixo do asfalto quente
o rastro de sangue dos índios assassinados
pelos bandeirantes porque
os tempos se confundem

uma vala na grota não é apenas esgoto
vejo a decomposição
o esquecimento numa plantação de cana
a decomposição apaga tudo
menos o tempo
um corpo abandonado sente
o peso dos anos
torna-se terra e poeira os ossos
permanecem o mato cresce depois
o asfalto passa por cima
e os pneus

os índios fogem dos cavalos espanhóis
e das bombas de desintegração

lucas
Litrento

os tempos
se confundem

tito Leite

Folha de prata
que cai,
qual raiz no húmus
inferno capital.
Ínfima
renda per capita.

Todo dia
o mesmo esquartejamento.

Em limo
o lobo rapina
o sol, bois
& relhas riscam
o pasto.

Cidades sepulcrais,
não faltam homens
que comem feno.

Adão, tu ganhas o pão
com o suor da tua tarde,
mas muitos dos teus filhos
comem a nossa carne.

Carteira
de Trabalho
para André Luiz Pinto

Romeu e Julieta

Dois canários belgas.

Ele

cantava muito

e bem.

Depois que ela chegou

parou de cantar.

(Ela

era autoritária.)

Parou de cantar.

Certo dia

alguém esqueceu-os ao sol

na gaiola.

E morremos assim

tristes para sempre.

ruy
Proença

leila
Guenther

Uma noite encerra
 em si mesma
a dispersão de todo um dia,
as horas que passei
julgando que contemplava
o interior das muralhas de vidro,
aquelas que guardavam a cidade
contra a violência das hordas.
Hoje desdenho delas.

 Gasto,
com pequenas lembranças em relevo,
a memória de sonhos não vividos,
jamais desejados,
o fluxo dos acasos
 quase cingido
por um movimento preciso
no instante em que tudo
volta a nascer.

Uma noite encerra
 em si mesma
a disposição de toda uma vida.
Detida pelo que acreditava
 suspense,
agora me aplico na superfície de vapor
sobre a qual se pode escrever
com a ponta dos dedos.
Recolho os despojos e,
 com paciência,
guardo o tesouro
em minha caixa de espelhos.

Por isso não durmo.
Por isso me debruço
 – alerta –
sobre o sono alheio.

Vigília

tiago Dias

quem ganha quando o tempo
não passa? quem passa
neste tempo sem a febre,
a regar o sonho, quem?
das mãos dadas, num círculo,
assim, como se a solidão
fosse a cura para os gritos
a reinventar a própria solidão:
ó, idiossincrasia maldita
a revelar o riso, enquanto
carrega pelas ruas mundo,
do Rio Estige de Janeiro,
ano inteiro, as almas, aquelas:
Nísia Floresta Augusta, Bertha
Matia Júlia Lutz, Celina Guimarães
Viana, Patrícia Rehder Galvão,
Rose Marie Muraro, Maria
da Penha, Juliana de Faria,
Anita Garibaldi, Hipólita Jacinta
Teixeira de Mello, Bárbara Alencar,
Maria Quitéria de Jesus, Maria
da Glória Sacramento, Maria
Firmina dos Reis, Maria Amélia
de queiroz, Leolinda Daltro, Maria
Lacerda de Moura, Dorothy Stang,
Patrícia Acioli, Marielle Franco.
quem ganha quando o tempo

não passa? quem passa
neste tempo sem o medo
de pagar com sangue
o que se respira? sorte
dos que resistem longe de Sírius
a reinventar lanças e escudos,
dentro do eco a doer, um lugar
que tentam ferir, aprisionar:
Ei ê lambá,
quero me acabá no sumidô
quero me acabá no sumidô
lamba de 20 dia
ei lambá,
quero me cabá no sumidô –
Ei ererê
que a morte maior neste lugar
é viver.
e viver sem cantar
a vida é manilha,
é libambo: o nosso vissungo
é lutar
dentro de um sol
em gradação,
quando palavra e suor
são um só
enfrentamento
contra os carontes
no tempo.

Lufada I

êxito... abraço forte das recorrências
estima estruturada na possibilidade
grandeza implacável:
domínio exemplar...
produz virtú, submete inimigos....,
extirpa a neutralidade
prudência!... eco da gratidão alheia

na umidade quente a verve pulsa cautela
primavera benevolente contém a infância desenfreada
reter as virtudes alheias, dignificá-las...,
metabolismo preciso
cólera juvenil sob julgo munificente
baço apto à libação outonal
secura fria comprime cidadãos festivos,
arte frutífera,
estímulo apreciado!
brônquios atentos, água sempre turva...
sabedoria invernal

em meio a providência apenas arbítrio
recorrências no controle do efeito
se a causa é sintoma:
sê pele.

Pele

gabriele
Rosa



Não tem tradução

Chegou à casa há poucos dias em pacote pardo e grosso um manuscrito. Não o abri. Já havia me decidido que tiraria um período de férias e não pegaria novas traduções pra fazer; de modo que o embrulho ficou algum tempo na estante sem que eu me preocupasse com ele. Já não tinha mais a avidez de outrora pelas grandes obras que ainda precisavam ser passadas para a minha língua: as que pude, traduzi, as que restam, outros traduzirão. Lá fora parecia verão e, no entanto, em nada me alterava saber o que era: de olhos fechados ia compondo minha vida sem demora, quieto e sem ânsia.

Não foi por essa época que precisei abrir a pacote, mas bem depois, quando as economias escasseavam e o dinheiro já não dava pro pão. Era o momento de voltar à oficiosa mentira. Pois quem traduz, sabe Jesus, trai e mente. Disso não se escapa nunca. Sem moedas de prata nos bolsos resolvi, pois, trair mais algumas palavras e com elas matar a fome que pesava no estômago. Se era inverno ou primavera, ainda ignorava, a realidade não precisava de mim. Eu não preciso dela. Tirei pilhas e pilhas de papéis velhos e achei, soterrado sob revistas sem notícias, o embrulho pardo.

Acendi a luminária, limpei a mesa de migalhas do último pão seco da primeira manhã do resto do fim de minha vida e me sentei com os óculos pendurados sobre o nariz tentando identificar naquelas folhas as palavras e de qual idioma deveriam ser vertidas. Mas nada se converteu em signo: olhava e permanecia em represa as letras sobre a folha. Riscos pretos que eu não sabia de onde vinham. De imediato já notava que não era alemão, nem sueco, nem francês. Quanto mais olhava, mais descartava os idiomas, nem grego, nem russo, nem chinês, nem javanês. Ia fundo na memória da língua tentando atinar: nem sânscrito, nem hebraico, aramaico ou armênio. Precisaria investigar meus dicionários antigos e renascer em mim o alfarrabista há tanto tempo adormecido?

caio augusto Leite

Enquanto buscava nas prateleiras algo que me ajudasse e a fome pesava na barriga, lembrava de outras traduções que eu julgara impossíveis e que diante desta se tornavam meros exercícios de colegial. Lembro-me do primeiro Homero e como tive que me sentar diante das páginas cheias de guerra e me tornar o cantor de um mundo que, se foi real, agora não o é mais; pendurando-se o tanto quanto pode no som de palavras que não são e nunca foram as coisas de que falam. Recordo dos russos com suas barbas desgrenhadas e seu gosto pelo método: tive que ser todo burocrático para trazer do cirílico as imagens cheias de neve e pobreza que se agasalham sob o seio da Mãe Rússia. Tive que amar os mujiques e assassinar o czar. E me orgulhar e me arrepender: só paradoxal se é moscovita. Vagamente me vem, também, os espanhóis e seu gosto pelo fantástico, nunca entendi se os traduzia ou se eles, sem que eu percebesse, me levavam para o seu lado e de repente era eu um de seus personagens e o trabalho se arrastava e os prazos estouravam e os espíritos dos contos assassinados voltavam num corpo todo novo: o mesmo espírito em outra casa – assim eu traduzia Cortázar.

Mas nada nunca foi tão complexo quanto traduzir esse manuscrito que me chegou embrulhado em papel pardo. Só depois de transcorrer tempo e continentes descobri que a língua não era nem holandês, nem tupi, muito menos vinha da Polinésia ou do Ceilão. A língua não era outra que não a minha. Acostumado que estava em viver sob outras peles não reconhecia mais de imediato a minha própria víscera. Pois quando canso e repouso na poltrona e choro ou amo é em minha língua que canto ou grito ou morro. Apesar de resolver o enigma, a resolução de um enigma é sempre metade do enigma e o enigma em si é só o primeiro passo para o próximo, que antecede outro e outro até jamais.

Atento eu lia e não distinguia no som o sentido. Podia dizer as palavras: não as compreendia mais. Era como ter uma roupa bonita e não poder vesti-la. Ou antes vesti-la e quanto mais vestido mais nu ficasse: o avesso do rei. Só quem fosse burro veria que estou nu apesar de minhas vestes: todos saberiam que nada eu falava quanto mais lia em voz alta essas palavras como aves que fingissem voar não porque saltassem mas porque o chão faltasse.

Só quando a fome virou desespero é que me pus a trabalhar sem pausas: e mesmo que pausasse ou continuasse o resultado era nunca diverso. Não avançava uma palavra: pois não sabia o que lia e não sabia para que língua deveria traduzir aquele misterioso texto. Sem poder jamais avançar ou retroceder: pois nada não tem passado nem futuro, fiz o que deveria ter feito desde que recebi o embrulho: ver quem era o remetente. O óbvio é o mais complexo modo como se configuram as paisagens. Estão sempre ali: quem poderá vê-las? No entanto olho tantas vezes e me escapam miragens e intuo, sem querer, a realidade. Pena não saber quando intuo certo, sabendo poderia tocar o real e experimentá-lo, aprimorá-lo. Fico na dúvida e esculpindo ilusões julgo estar criando um mundo que é menos do que barro e que quando assopro não se anima, antes se destrói. Ou destrói a mim? Nunca saberei se foi o mundo que recomeçou ou se fui eu que renasci. Nunca lembro do que era. Pois o manuscrito que recebera não era encomenda, era devolução.

Anos atrás mandei para uma famosa editora um esboço de romance de minha própria autoria, era no tempo em que sonhava alto e não temia as quedas. Sem medo remeti as minhas febres de juventude – nunca eu seria escritor, só descobriria depois. Passaria a vida fingindo – trazendo para dentro de casa o alheio. De livro em livro fiz morar na minha língua Poe, Borges, Hesse... sem querer reformei o idioma criando anexos, cômodos, escadarias que, para o bem ou para o mal, estão agora a serviço de nós. O que nunca consegui reformar foi a mim. Continuo lendo as palavras de meu romance perdido e permaneço estúpido diante delas. Poderia tentar por anos e os anos não me dariam nada. Inútil me buscar. Só agora sei que poderia trazer as cidades invisíveis de Calvino para a nossa língua, se quisesse já o teria traduzido; mas que jamais poderia reconstruir meu rosto. Nunca me vejo sem envelhecer, nunca um homem consegue se traduzir de si pra si de novo.

The Shelteringsky

O fluxo da areia
Provoca sulcos nas margens da garganta

Are you lost?

O norte do deserto não se divisa
Só seu centro se vê
Aquele clareira sem interrupção
Um abrigo ao relento
Uma proteção contra a sombra

Yes, I am

No meio medido por instrumentos imprecisos
Onde a areia é mais silenciosa
O rumor do *ghibli*
Me diz que não me afaste
Nunca
Do pó

leila
Guenther (Sempre a terra a nos afogar)

Fármacos

tito
Leite

A psiquiatria ganha lugar
na feira de liquidação.
Na alegria imediata
do simulacro:
adestrar psicopatas.

Antidepressivos
para curar as feridas
da alma
ou esquecer a amada
[que antes
do beijo toca fogo
nos lábios].

Na cabeça, uma ampulheta,
nas mãos, borboletas fugidias,
em todos os caminhos,
nenhum destino:
apertar o botão abismo.



Autorretrato

Dos meus demônios,
Eu bem sei.
Sou fonte de más intenções,
perversidades.
Ruim.
Disfarço vilanias
em gentilezas.
Vício,
Destroço,
Submeto.

Dos meu demônios,
posso falar.
Conjuro maldições,
predigo tristeza, intriga.
Meu enredo é catástrofe.
Invento motivos que esmagam
as vontades e desejos.
Constranjo.
Reduzo planos a coisa alguma
E festejo o insucesso.
Registro em mim
fracasso como destino
e insatisfação sendo rotina.

Dos meus demônios
donos de mim.

claudia
Baeta
Leal

Afeto da Melancolia

Não há muito na casa.

Os tijolos empilhados
quase desabam.

O chão de terra é
sempre úmido,

como se o céu chorasse
todas as noites,

Por nós.

Sob a asa de penas,
eu repouso.

À noite, a brisa
dança sobre nós.

Pela manhã, o
Sol mancha sua pele.

O tempo não passa.

Seus lábios são secos
e arranham os meus.

Você toca a mesma
canção de ninar.

Nossos corpos não se
encaixam.

Nossas mãos não se tocam no piano.

O jardim de barro
nunca floreia.

Não se recebe
visitas.

Rodopio sobre seu corpo.

Você diz que essa
é a minha casa.

Coloco um tapete pra quem mais quiser entrar.

carla
Andressa

Trocamos os móveis e
temos um novo chaveiro.

Consertamos o telhado.

Você sai e
a casa é só minha.

Você volta e somos
duas novamente.

Você diz que vai embora,
e eu abro a porta.

Fecho e sorrio.

O silêncio grita
nos meus ouvidos.

Eu decido que não vou
dormir na nossa cama.

A campainha toca,
mas não quero te deixar entrar

Você sentiu saudades.

Você diz que a casa
também é sua.

Mudamos o papel
de parede.

Emolduramos
algumas fotos.

O artista quando jovem tem sempre a fase São Paulo, que é um terror para os pais, os amantes e os amigos que ficam na cidade natal. Até para os artistas paulistas é complicado a chegada de um novo diletante para disputar os testes e as quitinetes da metrópole.

Às vezes essa febre passa e o artista volta, com alguma maturidade, e finalmente apresenta algo para os seus conterrâneos ou pelo menos supera os traumas familiares que o fizeram ir, o que também não deixa de ser uma conquista. Em outros casos a Pauliceia dura uma vida inteira e o artista só consegue emagrecer, adquirir tatuagens de gosto duvidoso e perder um pouco do viço da juventude. Eu me considero um sobrevivente, já que voltei de lá sem maiores traumas adquiridos em RHs ou na epiderme, embora também não possa dizer que passei incólume, pois fui para ser ator e voltei querendo ser escritor.

E se escapei de passar a vida fazendo aquelas peças que não dá nem pra divulgar no facebook, a arrogância paulista quase me fez virar vegetariano, mesmo que por um dia, mesmo tendo pais gaúchos e donos de churrascaria.

Deslumbrado com os prédios, a livraria Cultura no Conjunto Nacional, os teatros, as boutiques, o visual das pessoas e o metrô, esqueci da hora do almoço em meu primeiro dia como artista exilado e antes que pudesse desmaiar num cinema qualquer da Augusta, pensei: já que estou em outra cidade, no lugar onde melhor se come no país, vou de algo diferente. E o diferente era um restaurante vegetariano, daqueles onde o cardápio fica na entrada (de tão caros que são) num quadro negro na calçada. Só havia, como na vida, uma opção, eis outra arapuca paulistana, restaurantes de um prato só. Young Salad, que pelo que entendi na letra do cidadão, vinha com rúcula e sementes de girassol. E como sugestão, suco verde. Entrei no lugar e esperei o garçom, o som ambiente era vaporwave, o que de cara não me desagradou por ser novidade, a mescla de musiquinha de elevador mixada com toques de celular e barulhinhos de videogame depois de trinta segundos me deixou com a sensação de estar preso num filme do John Carpenter. Para o meu espanto apareceu um magrelo, de óculos de acetato e bigode com as pontas torcidas para cima, uma figura com tão pouco carisma (apesar dos esforços estéticos) que certamente seria um dos primeiros a morrer num filme de terror. Aqui tudo é diferente, pensei, até os garçons, adapte-se, Alcides, adapte-se!

Salada
Brasil^{cid} hipster

Ele anotou meu pedido, mesmo havendo apenas uma opção e não explicou que eu é que teria de ir buscá-la no balcão. Demorei quase uma hora para me dar conta disso. Na verdade, aquilo não era um prato, era um desses recipientes plásticos com tampa colorida (não vou aqui fazer propaganda da tupperware), cheia de rúculas e sementes. Tudo é diferente aqui, calma, Alcides... (Talvez eu sofra de alguma síndrome de Caim, como naquele filme do Brian de Palma, mas o fato é que sempre que passo por situações embaraçosas em lugares chiques ou moderninhos ouço meu nome completo sendo dito como advertência do subconsciente, com a voz do Carlos Vereza).

No balcão ou nas mesas não havia aqueles velhos conhecidos da gente: Borges, o Minhoto... E eu, um extra-virgem naquele tipo de ambiente, julguei que a salada já vinha temperada, chacoalhei a marmita, dei um gole no suco verde e na primeira garfada, foi como mastigar uma resma de papel couché.

Eu queria tempero e não queria incomodar o garçom – na verdade, nem ele queria ser incomodado, pois sumira. Foi então que notei, duas mesas de distância de onde estava sentado, um borrifador com um líquido que para minha avó seria definido como “puxando para o verde”. Peguei a garrafa e repeti o mantra: “Aqui tudo é diferente: Vaporwave, garçons de aspecto detestável, gente de bermuda no frio, mendigo alegre... Então, porque o azeite balsâmico estaria num recipiente normal?”.

Inclinei o borrifador sobre a salada num ângulo ignorante de 90° e puxei o gatilho me sentindo o Charles Bronson dos Hipsters: era como se atirasse no garçom, no preço das saladas, nos bigodes arrebitados, nos prédios, na música de elevador, nos meus cabelos que já viravam dreads com a poluição... Já estou adaptado, pensei vendo as folhas de rúcula suada, consegui temperar uma salada em São Paulo, o que esperar mais? E na primeira garfada da minha vida nova, notei o inevitável: Era vidrex.

Claudia
Baeta
Leal

É tempo daquelas bebedeiras, sabe?
Daquelas que começam com a cabeça entre as mãos,
cotovelos rente ao peito,
o pedido repetitivo de "mais uma",
"mais uma",
num lamento choroso.
A bebedeira necessária.

Mas aí as costas já se endireitam, não é?
Pernas esticadas à frente,
olhos pro alto,
garganta molhada de cerveja,
de ânimo e
daquela convicção de "dá-se um jeito".
Bebedeira que consola,
que resolve .

A bebedeira da coragem, saca?
copo cheio,
peito cheio,
e mais uma,
mais uma pra ter certeza
que ainda amanhece,
que ainda se resolve,
que passa.
Bebedeira que alivia.

Aquela bebedeira que ensina.
Lição lida no fundo do copo,
com a cabeça leve,
com a cabeça lá longe
onde tudo está mais claro.
Daquelas que nos deixam mais sábios,
mesmo quando sóbrios.

Mais uma

karen
Pimentel

de Maceió, nascida em 1995: tem poemas publicados pela Revista Alagunas e seu primeiro livro de poesias, "Solidões", foi selecionado para publicação pelo Edital de Incentivo à Produção Literária da Imprensa Oficial Graciliano Ramos, com publicação prevista para novembro/2018.

cid
Brasil

1988, Maceió-AL, já realizou alguns espetáculos como ator de teatro pela Cia. Infinito Enquanto Truque e teve crônicas publicados no Jornal RelevO, Revista EMA e ALAGUNAS. Seu livro de estreia, "A Importância de se chamar Kurt Russell" será publicado em novembro/18 pela Imprensa Oficial de Alagoas. Nos hotéis gosta de por Auxiliar Administrativo como profissão para não chamar muito a atenção.

tiago
Dias

nasceu em 1984, em Salvador-BA, é professor, poeta e escritor. Tem poemas publicados em blogs, portais, revistas e jornais especializados. Participou de antologias no Brasil e em Portugal, dentre elas: *Contos nos is* (Edições Ecopy, 2011, Portugal), *Entre o sono e o sonho – tomo I e II* (Chiado Editora, 2013, Portugal), *Entre o sono e o sonho* (Chiado Editora, 2016, Portugal). Publicou *Distraído*, poesia (Editora Pinaúna, 2014), *Debaixo do vazio*, poesia (Editora Córrego, 2016) e *Contações*, poesia (Editora Patuá, 2018).

caio
augusto
Leite

alberto
lins
caldas

poemata.

geovanne
otavio
ursulino

vive em maceió. publicou os livros de poemas "como num inferno pra marinheiros" (maceió: iogram, 2017) e "os gigantes atravessam o eufrates" (são paulo: patuá, 2018). escreve no blog amorfo poema: www.amorfopoema.tk e-mail: ursulino@alagunas.com

leonardo
Bachiega

é poeta, arquiteto e urbanista, pós – graduado em Barcelona. Nasceu em 1980 na cidade de São Paulo, onde mora hoje, é autor de *Poema Número Um* (2016), seu livro de estreia, também publicado em Portugal. A cidade desabotoada é seu segundo livro de poemas previsto para 2018. Tem poemas publicados em diversas revistas literárias, como Mallarmagens, Garupa, Literatura e Fechadura e Incomunidade. Facebook: fb.com/leonardo.bachiega1

lucas
Litrento

21. Negro. Prepara um de contos e outro de poemas. Estuda jornalismo. Amigo dos cães.

daguito
Rodrigues

é escritor e roteirista. Foi roteirista na Rede Globo, repórter da Folha de S.Paulo, Diretor de Criação na agência Publicis Brasil e dirigiu e escreveu o curta O Santo Salvador e o Demônio, entre outros. Acumula prêmios nos principais festivais de criação do mundo, como Cannes Lions, Prêmio Abril e Clube de Criação. Quer muito que você leia o primeiro romance dele, "Vozes na rua" (Kazuá, 2016) e acompanhe o blog daguitorodrigues.com

sobre os autores

jussara Salazar

é escritora e artista visual. Publicou *Inscritos da casa de Alice* [1999], *Baobá, poemas de Leticia Volpi*, [2002], *Natália* [2004], *Coraurissonoros* [Buenos Aires, 2008], *Carpideiras* [2011] com a Bolsa Funarte, ficando entre os finalistas do Prêmio Portugal Telecom na edição de 2012, *O gato de porcelana, o peixe de cera e as coníferas* [2014] e *Fia* [2016]. Tem sua obra publicada em diversas revistas e traduzida para o inglês, o francês, o espanhol e o alemão. É doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC/São Paulo e Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná.

ruy Proença

(1957) nasceu na cidade de São Paulo, onde vive. É poeta, engenheiro de minas e tradutor. Autor de diversos livros, entre os quais: *A lua investirá com seus chifres* (Giordano, 1996) e *Caçambas* (Editora 34, 2015). Publicou também os infantojuvenis *Coisas daqui* (Edições SM, 2007) e *Tubarão vegano e outros elementos* (Espectro Editorial, 2018).

claudia Baeta Leal

fez Letras, História, um filho incrível e escreve poesia de sobrevivência no transporte público enquanto segue para o trabalho. É paulistana e corinthiana no Rio de Janeiro.

marcus Groza

é escritor, dramaturgo e encenador. É autor dos livros "e a lua como órgão principal" (Ed. Primata - 2017) e "Sossego Abutre" (Ed. Patuá - 2015), e editor da Revista Abate. No teatro, escreveu e dirigiu a antiópera "Rua Carne Entre as Articulações" e a peça "Maré Morta".

eduard Traste

Eduard Traste descobriu que não tinha salvação. Desde então vem destilando os necessários pingos de vida para seguir em frente, de seus escritos e outros tragos. Só recentemente, porém, começou a compartilhar alguns de seus poemas em: www.estrAbismo.net

munique Duarte

nasceu e vive em Santos Dumont-MG. É jornalista sindical, formada pela UFJF. Tem textos publicados em sites, revistas e jornais literários e três livros lançados, *Espelho Oxidado* (contos), *O salto do guepardo* (romance) e *Deserto e asfalto* (romance). É colunista da Philos Revista de Literatura da União Latina e idealizadora e apresentadora do Literatura na Rádio Cultura na cidade onde mora. Bloga em textosimperdoaveis.blogspot.com.

tito Leite

Tito [Cícero Leilton] Leite nasceu em Aurora/CE (1980). É poeta e monge, mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Tem experiência na área de ensino de Filosofia, com ênfase em Filosofia Política, Ética, Filosofia da Ciência e da Tecnologia. Autor do livro de poemas *Digitais do Caos* (Selo edith, 2016).

leila Guenther

publicou os livros *Viagem a um deserto interior* (Ateliê Editorial); *O voo noturno das galinhas* (Ateliê Editorial), traduzido para o espanhol (Borrador Editores) e editado em Portugal (Nova Delphi); e *Este lado para cima*, (Sereia Ca(n)tadora, Revista Babel). Participou das antologias *50 versões de amor e prazer: 50 contos eróticos por 13 autoras brasileiras* (Geração Editorial), *Cusco, espejo de cosmografías: antología de relato iberoamericano* (Ceques Editores), *Outras ruminações: 75 poetas e a poesia de Donizete Galvão* (Dobra Editorial), *70 Poemas para Adorno* (Nova Delphi), entre outras.

carla Andressa

Cursa bacharelado em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde, através de uma interdisciplinaridade entre Arte e História, pesquisa as programações corporais para o feminino nas obras da pintora Elisabeth Vigée-LeBrun, especificamente as que retratam Maria Antonieta.

ibu jean Rocha

Faz arte: na rua, quando é preciso (é preciso), palhaço quando há graça ou não há; ator sempre; tudo poesia. Conheceu e começou com a poesia dos encontros, em especial nos do Sarau do Fórum, em São Bernardo do Campo. Mutirão de gente com coisa pra dizer, recheada de raiva poética. Ali se fez sempre- voltará a fazer um dia, quem sabe - vivo através da poesia, da palavra, falada e lida. Se constrói também na formação para palhaços do Doutores da Alegria, em São Paulo. Faz da poesia uma forma de homenagem e memória, aos que partiram de alguma forma; a si mesmo, indo sempre, entre alegrias e tormentos, enquanto há trem. Links: Email: jean_1815@hotmail.com || <https://medium.com/@ibu.jeanrocha/olhos-f5c6b2ddf092> || <https://www.facebook.com/jean.rocha.1690> || <https://www.facebook.com/SarauDoForum/>

gabriele Rosa

estudante do curso de História pela UFRRJ; grafiteira carioca e pesquisadora do Graffiti enquanto Heterotopia múltipla.

amanda Lins

19. Escrevo porque vivo . Tenho publicado nas mesas dos bares que ando e em páginas arrancadas de mim. Pernambucana, estudante de direito, poesia, samba e amor.

alessandra Barcelar

é historiadora, vive em São Paulo, onde nasceu, e atua na área de Gestão Hospitalar e Economia da Saúde. Publicou em várias revistas literárias como: Amálgama, Subversa, Gueto, Benfazeja e Revista Lavoura. Colaborou com a Antologia Mitos Modernos I, ao qual foi premiada com o Prêmio Le Blanc de Arte sequencial, Animação e Literatura Fantástica , livro a ser lançado em 2018.

henrique Pitt

escreve com frequência e prazer para a Revista Alagunas. é culpado por diversas obras em poesia e prosa, que podem ser conhecidas através do perfil redesocializável. um novo livro poético, *Pedra papel tesoura*, está sendo lançado pela editora Penalux.

lucas Perito

(São Paulo, 1985). É graduado em Comunicação em Multimeios pela PUC-SP. Escreveu livros ligados a história e fotografia, fazendo os textos de acompanhamento para o livro fotográfico “Caminhos da Mantiqueira” (2011) de Galileu Garcia Junior. Publicou seu primeiro livro de poemas, *38 Movimentos*, pela Lumme Editor (2018). Tem poemas publicados em algumas das principais revistas brasileiras, além de algumas revistas de Portugal, Espanha, Galícia, Peru e Colômbia. Tem traduzido Charles Cros, David Diop, James Wright, Amparo Osorio, Abdellatif Laâbi, María Emilia Cornejo, Jacques Prevel, Hector de Saint-Denys Garneau, entre outros.

felipe Teodoro

(1993 - Ponta Grossa/PR) tem textos publicados em diversas antologias nacionais, participou das revistas literárias *Gueto*, *Literatura & Fechadura*, *Ruído Manifesto* e *Revista Vacatussa*. Seu primeiro livro *Onde Os Pássaros Cantam Doentes* (Editora Fractal) tem lançamento previsto para o segundo semestre de 2018. Contato: felipets9@hotmail.com.

andré Mellagi

nasceu e mora em São Paulo (SP), é psicólogo e escritor. Publicou seu livro de contos *Bricabraque* em 2017 pela editora Patuá e escreveu textos ficcionais e ensaios para diversas revistas eletrônicas. Contato: andre_mellagi@yahoo.com.br

janaina Buccioli

nascida no Mato Grosso, viajante por demandas da vida e da alma, passou grande parte da vida em terras igualmente interessantes e completamente diferentes. Seu olhar foi moldado por terras longínquas, no Norte do Mato Grosso, como também, por montanhas gélidas da Europa. De todas as passagens, o prazer em aceitar o novo e o diferente. De formação, caminhou através do Direito, História e Filosofia. Tímida na infância, encontrou na escrita uma forma de dialogar com sua própria alma. Contista desde a adolescência, ganhou concursos literários no Brasil e em Portugal. Agora, na fase adulta, retoma a atividade, lançando seu primeiro livro das meninas e das outras. Hoje mora em Palma de Mallorca, na Espanha e é graduanda em literatura pela Sorbonne. Facebook: fb.com/janaina Livro editado: *Das meninas e das outras*, ed Giostri, 2015

matheus Guménin Barreto

(1992) é um poeta e tradutor brasileiro. Nascido em Cuiabá – Mato Grosso, é pós-graduando da Universidade de São Paulo (USP). Barreto estudou também na Universidade de Heidelberg (Alemanha).

Traduziu Bertolt Brecht e Ingeborg Bachmann. Teve poemas publicados no Brasil e em Portugal: Escamandro, plaquete do “Vozes, Versos”, Enfermaria 6, Revista Lavoura, Revista Escriva – PUC-RS e Diário de Cuiabá; entre outras. É editor do site cultural mato-grossense *Ruído Manifesto* e integrou o Printemps Littéraire Brésilien 2018 na França e na Bélgica a convite da Universidade Paris-Sorbonne. É autor dos livros de poemas *A máquina de carregar nada* (2017, Editora 7Letras) e *Poemas em torno do chão & Primeiros poemas* (2018, no prelo).

ouça também:



bit.ly/
ConchaAuroraGigante



revista.
de criação
literária

ISSN
2447-1003

